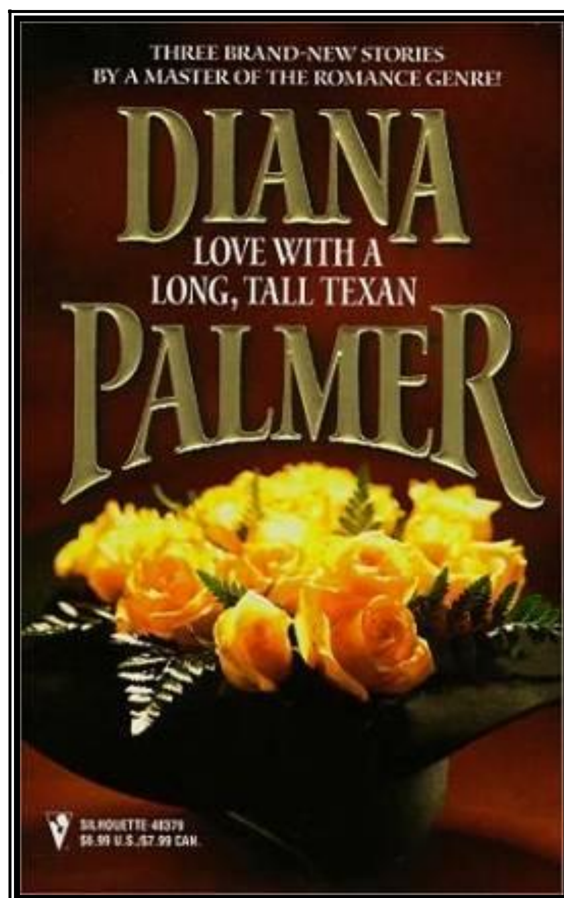
Love With a Long, Tall Texan 2

Christopher Deverell

— Christopher Deverell e Delia Larson —

Diana Palmer

Série Homens do Texas 21



OBS: Dane Lassiter, Logan Deverell e Kit são protagonistas da Série "*The Most Wanted*" ("*Sempre te Amei*" e "*Brincadeira Perigosa*", respectivamente).

Disponibilização/Tradução/Revisão: Ana Mota
Revisão Final: Sky
Formatação: Gisa
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

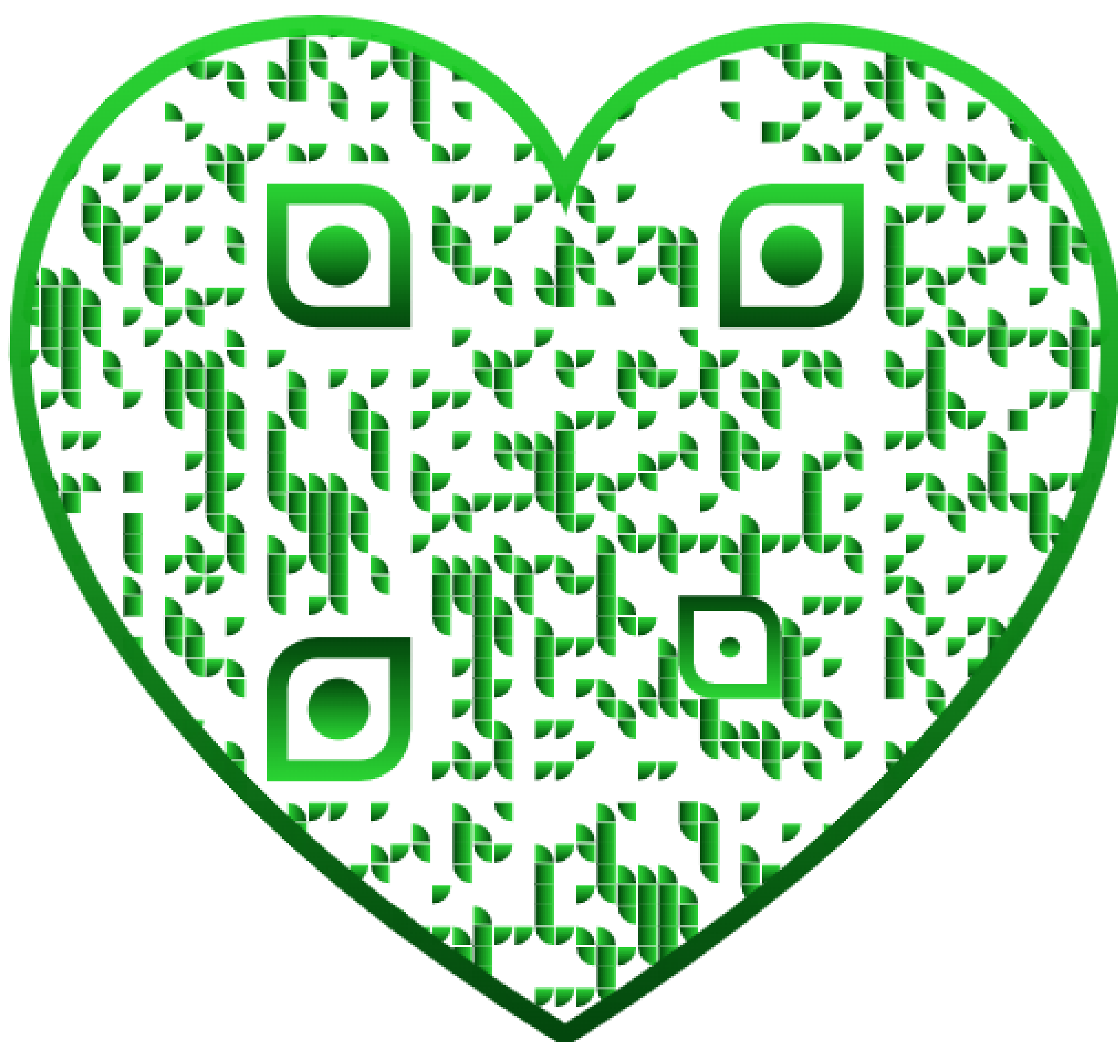


Eram altos, fortes e independentes, e tinham todas as mulheres de Jacobsville a seus pés. Mas tem que ser muito especial para domesticar estes duros texanos e conseguir que renunciem as suas apreciadas liberdades. Porque quando estes texanos se apaixonam, fazem-no de verdade e para toda a vida, sem barreiras no meio…

Luke Craig, o esquivo solteiro. Nunca tinha sido "laçado" - até que a mulher mais irritante que conheceu, entrou em sua vida.

Christopher Deverell, o viajante. Uma ambiciosa jornalista estava a ponto de escrever a história do século… a menos que ele pudesse detê-la.

Guy Fenton, o rebelde. Sua má fama estava além de toda redenção… até que uma suscetível publicitária jura fazê-lo ficar de joelhos.



Capítulo 1

Tansy Deverell tinha sumido de novo. Na verdade, já estava sumida há uma semana. Christopher Deverell ficava perturbado quando não conseguia encontrar a mãe que já estava na casa dos setenta anos. Mas o que mais o perturbou foi quando a agência do detetive Lassiter, famoso em Houston, Texas, não conseguiu achá-la. Chris tinha voltado para casa de uma viagem à Espanha e achou a família em alvoroço por causa do desaparecimento da matriarca. Tansy era conhecida por seu estilo de vida impulsivo, e ela tendia a causar escândalos aonde quer que fosse. O irmão mais velho de Chris, Logan, vivia em Houston com a esposa, Kit, e o filho recém-nascido, Bryce. Desde o casamento de Logan, Tansy tinha se tornado mais desenfreada do que o habitual. Ela era diabética e usava constantemente insulina, tendo que cuidar da dieta, e Chris se preocupava porque ela poderia abusar demais durante a viagem. A última escapada quase a tinha levado para um harém no Oriente Médio. Para uma mulher no início dos setenta anos, Tansy era realmente aventureira. De idade avançada, frequentemente dizia que seria necessário correr muito rápido para alcançá-la. E ela não estava brincando.

Por um impulso, Chris tinha viajado até Jacobsville, Texas, para ver seu primo Emmett Deverell. No passado, ninguém visitava Emmett a menos que fosse louco, mas agora que Emmett tinha se casado com Melody e tinha se entendido bem com seus três filhos do primeiro casamento, tinha se suavizado. Ele administrava um rancho para Ted Regan, com o qual agora tinha uma sociedade. As coisas pareciam prósperas por lá, e Tansy poderia ter feito uma visita a eles. Só que ela não tinha.

Chris se encontrou com a decepção. Emmett não ouvira falar de Tansy há meses.

Chris se dirigiu para a cidade e almoçou em um restaurante local de alta-classe, sentou-se sozinho para comer seu bife com salada enquanto meditava sobre a mãe. Logan não tinha se preocupado muito. Incrível como as coisas mudavam ao longo dos anos. No passado Logan tinha sido puritano, do tipo preocupado.

Agora, ele era mais relaxado e menos ansioso, especialmente após seu casamento. Por outro lado, Chris tinha sido quase tão impulsivo quanto à mãe quando era mais jovem, e mulheres tinham passado por sua vida como borboletas. Ele tinha trinta e três anos e um violento acidente de automóvel o tinha deixado com uma visão diferente do mundo. O rosto que tinha sido bonito, agora era menos agradável aos olhos, dois longos sulcos tinham sido esculpidos em uma bochecha magra por causa de estilhaços de vidro. Ele tinha perdido a visão em um olho, embora a cirurgia plástica tivesse acabado com a deformidade. Mas nada parecia apagar as cicatrizes completamente, e ele estava muito cansado de hospitais e enxertos de pele para continuar tentando.

Nem de longe ele tinha aparência repulsiva. Sua pele azeitonada e lisa era realçada por olhos pretos brilhantes com pestanas e sobrancelhas pretas espessas, e uma boca cinzelada que era mais sarcástica do que divertida na maior parte do tempo. Ele tinha o rosto magro e um corpo alto, esguio e musculoso que estava mais atraente do que nunca por causa de semanas de navegação próximo à costa da Espanha com um velho amigo. Ele apreciava o desafio do mar, onde podia mover os músculos contra as ondas e o vento. Um homem com o tanto de dinheiro que ele tinha herdado do pai podia fazer o que quisesse. Diferentemente de Logan,

que gostava de trabalhar na firma de investimentos da família, Chris tinha investido sua herança em corporações multinacionais e a tinha triplicado em menos de dez anos. Ele podia viver confortavelmente das rendas, e nunca tinha achado uma razão adequada para ter um trabalho rotineiro. Ele se interessou em desenhar iates com um amigo com quem tinha velejado na Espanha. As idéias tinham sido inovadoras, e um de seus projetos tinha levado o dono à final da Copa América.

Ele pagou pala ideia, e por várias outras que venderam bem.

Ele assistia seus investimentos como um falcão. Mas aumentar seu capital não o satisfazia mais.

A vida de solteiro despreocupado que era tão divertida quando ele tinha vinte e poucos anos, se tornara desagradável agora. Ele não via mais as mulheres como conquistas potenciais ou apreciava a atenção de belas caçadoras de fortuna. Ele sentia que a vida estava, de repente, vazia.

Ele tocou a xícara de café distraidamente, o movimento trazendo a garçonete com um refil.

"Gostaria de algo mais?", ela perguntou agradavelmente, olhando para seu terno e sapatos caros com olhar treinado.

Ele agitou a cabeça. "Não. Obrigado".

Ele não a encorajou a ficar e conversar. Ela era jovem e bonita, mas assim como eram dúzias de outras mulheres. Ele invejava Logan e sua vida de família. Talvez o casamento não fosse uma coisa tão ruim.

Certamente um bebê era um delicioso pequeno presente. Chris nunca tinha estado muito ao redor de crianças, mas adorava seu sobrinho e passava muito tempo comprando brinquedos educacionais para ele. Isso divertia Tansy, que sugeriu a Chris que se casasse e tivesse seus próprios filhos.

Ele apenas tinha encolhido os ombros e dado um sorriso. Ele nunca teria uma relação séria com uma mulher.

Seus encontros românticos ao longo dos anos tinham sido breves e agradáveis. Agora ele sentia como se tivesse perdido algo. Com exceção do amigo que construía iates, ele não tinha ninguém próximo. A maior parte de suas antigas namoradas estava casada. Ele viajava só, comia só, dormia só. Ele se sentia velho, especialmente desde o naufrágio.

"Com licença, mas você não seria Christopher Deverell?".

A voz era baixa e tranquila, sem pressa, com uma agradável rouquidão. Ele girou a cabeça para achar o rosto que a acompanhava. Nada mau, ele pensou. Olhos cor cinza pálido, uma bonita aparência, queixo arredondado, boca curva, cabelo loiro curto com uma onda na direção da sobrancelha fina.

Ela parecia alguém dos anos trinta, ele brincou.

"Como você sabe quem sou?", perguntou indiferentemente.

"É o meu trabalho". Ela pegou um bloco e uma caneta. "Eu trabalho para o Serviço de Notícias Weatherby. Nós não somos tão grandes quanto a Associated Press, mas trabalhamos duro para alcançá-los", ela acrescentou com um sorriso lânguido. O sorriso enfraqueceu depressa. "O que ocorre é que estamos tentando localizar a sua mãe".

Ele ergueu o café quente até a boca. "Junte-se ao clube".

"Ela foi se esconder", ela continuou. "Não que eu a culpe, devido às circunstancias, mas…"

"Sente-se", ele disse seco. "Você está no meu ponto cego".

"Seu… o quê?".

Ele girou a cabeça e olhou completamente para ela, de forma que ela pudesse ver a extensão do dano que o acidente tinha feito ao seu rosto um dia bonito. O olho preto acima das duas cicatrizes profundas e abaixo de uma um pouco menor olhava fixamente para frente, mas sem visão. O dano ao nervo tinha sido extenso.

Ela prendeu a respiração audivelmente e sentou-se, visivelmente agitada. "Eu sinto muito!", ela disse. "Eu não tinha percebido…"

"A maioria das pessoas não o fazem, até que olham para mim durante algum tempo", ele acrescentou com um sorriso zombeteiro.

Ele se debruçou de volta na cadeira, puxando a jaqueta para longe da fina camisa branca que cobria seu peito largo e peludo. Nessa posição os músculos eram visíveis, e a mulher depressa desviou os olhos, como se olhando para ele daquele modo a envergonhasse.

"Sobre sua mãe", ela continuou.

"Primeiras coisas em primeiro lugar. Quem é você?".

Ela hesitou. "Delia Larson".

Ele concordou com a cabeça. "Você faz alguma ideia de onde minha mãe poderia estar?".

"Claro". Ela voltou algumas páginas no seu pequeno bloco. "Foi vista pela última vez quando estava em uma pequena cidade nos arredores de Londres, chamada Back Wallop". Ela deu uma olhada rápida para ele.

"Essa local é uma aldeia. O que ela estaria fazendo lá?".

"Ela vive lá", ela respondeu surpresa.

"Ela, o quê?", ele perguntou com uma carranca forte.

"Olhe aqui, ela é sua mãe", ela retornou. "Você não sabe que ela estava envolvida com um MP?".

"Um membro do parlamento?", ele exclamou.

"Oh, sim, o senhor Cecil Harvey. Ele pertence à Câmara dos Lordes e era um parente dos Windsors". Ela agitou a cabeça. "Não consigo acreditar que você não saiba isto!".

"Eu estava de férias na Espanha", ele disse.

"Tem estado por toda parte nos tablóides", ela continuou.

O rosto dele endureceu. "Eu não leio as folhas de escândalo", ele disse irritado.

"Considerando quantas vezes você é colocado nelas, acho que não", ela concordou agradavelmente. "Você teve a primeira página da maior parte deles por duas semanas quando aquela condessa italiana te acusou de ser o pai do filho dela—"

"Nós estávamos falando sobre a minha mãe", ele interrompeu seco.

Ela fez uma careta. "Desculpe. Acho que toquei num ponto fraco. De qualquer forma, a Sra. Deverell foi fotografada saindo de um hotel de Londres com o senhor Harvey. Havia rumores de que ele estava indo se divorciar da esposa para se casar com ela".

Ele derrubou a xícara de café audivelmente. "Minha mãe?".

"Sua mãe". Ela curiosamente o estudou. "Você não se parece nada com ela", ela comentou. "Ela tem olhos azuis e uma aparência de fada, bonita, quase como uma garotinha".

"Meu irmão e eu nos parecemos com o nosso pai. Ele era espanhol".

"Espanhol?", ela fez uma carranca e sacudiu depressa o caderno. "Não foi isso que eu tinha sido informada. Disseram-me que seu pai era francês, um membro da nobreza".

"Nosso padrasto era francês", ele respondeu e se recusou a pensar sobre o homem, apesar dos muitos anos que tinham se passado desde que o tinha visto. "Nosso pai morreu quando eu era jovem. Tansy recasou. Várias vezes", ele acrescentou brincando e levantou sua xícara de café novamente.

"Oh, entendo". Ela o estava observando de perto. "Por que o seu pai não é mencionado?".

Ele riu. "Ele era um homem de negócios secundário até que comprou algumas ações baratas de uma refinaria de petróleo e as colocou em um lugar seguro em uma caixa forte. Muito depois de sua morte, o cofre foi descoberto e aberto, e Logan e eu herdamos uma pequena fortuna".

"Qual era a empresa?", ela perguntou com suspeita.

Ele ergueu a xícara de café até a boca cinzelada. "Standard Oil".

Ela riu amplamente para ele. "Previsão surpreendente".

Ele agitou a cabeça. "Foi uma maldita sorte. Ele não entendia bulhufas de investimentos".

"Dizem que seu irmão entende. E você também".

Ele riu. "Eu arrisco. Não muito". Os olhos escuros se estreitaram. "Por que você está tentando perseguir Tansy?".

"Por que você a chama de Tansy em vez de 'mãe'?".

"Ela não é emocionalmente velha o suficiente para ser mãe de ninguém", ele disse simplesmente. "Logan e eu crescemos tentando mantê-la longe de problemas, com ajuda ocasional e breve de seus cinco maridos".

"Cinco?", ela deu uma olhada rápida para as notas. "Eu só achei quatro".

"Você não respondeu minha pergunta".

Ela tocou o caderno e fitou-o em vez de olhar para ele. "Eu fiz um erro, realmente grande. E serei despedida a menos que possa fazer a indenização de alguma forma. Eu não posso perder meu trabalho. Eu tenho… responsabilidades". Ela ergueu os olhos pálidos para ele. "Quero achar sua mãe antes do resto da mídia. Quero uma entrevista exclusiva".

"Peça uma a ela".

"Eu não consigo achá-la. Ela saiu de Back Wallop e ninguém sabe aonde ela foi".

Ele terminou o café. "Não olhe para mim. Eu não consigo achá-la, também, nem mesmo com a ajuda da melhor agência de detetives do estado".

Ela mordeu o lábio inferior preocupada. "Eu acho que é compreensível que ela não queira ser encontrada".

"Obrigado por notar", ele disse com um tom cheio de sarcasmo. "Uma mulher sendo acusada de acabar com um casamento não se apressaria para se encontrar com a imprensa".

As sobrancelhas dela se elevaram. Eram finas e escuras apesar do cabelo loiro, e bastantes interessantes. "Não é por isso que ela está fugindo, claro".

"Não é?".

Ela suspirou com força. "Sr. Deverell, eu já sei a verdade. Não faz nenhum sentido ficar fingir que não sabe o que está acontecendo".

"Eu não estou fingindo".

"Faça como quiser". Ela pôs o bloco na bolsa grande e se levantou, atirando-a por sobre o ombro.

"Desistindo tão cedo?", ele provocou.

"Eu preciso chegar à Inglaterra antes que alguém me passe à perna com a história. Fará minha carreira se eu conseguir pegá-la antes dos outros".

Ele olhou fixamente para ela com algo como desprezo. "De qualquer modo, arruinaria uma vida. Você e seus colegas colocam um alto preço nas próprias carreiras, não é? Nenhuma outra dor ou sofrimento é demais".

Ela corou. "Você nos faz soar como pervertidos".

"Na verdade, não faz soar". Os olhos dele se escureceram. "Vocês *são* pervertidos. Todos vocês".

Ela enrijeceu. "Nós não fazemos as notícias".

"Não, você só a espalha, com todos os embelezamentos e acréscimos que os editores resolvem colocar". Ele ficou de pé, também, e olhou para ela abaixo. Ela quase não chegava ao queixo dele. Ela notou a discrepância em suas alturas e se afastou alguns centímetros.

"Assustada?", ele repreendeu, os olhos pretos reluzindo enquanto sorria para ela abaixo. "Eu não sou muito uma ameaça ultimamente".

"Você seria uma ameaça mesmo que estivesse sem ambas as pernas", ela murmurou inconfortável. A proximidade estava fazendo as pernas dela fracas. Ela deu um novo passo para trás. "Eu não sou responsável pelo o que alguns repórteres renegados fazem".

"Eu conheço várias famílias, inclusive uma real, que poderia te dar uma resposta aterrorizante para essa observação".

Os dedos dela apertaram a correia do ombro firmemente. Ele notou as unhas pequenas, arredondadas e que não estavam feitas. O terno que ela usava não era novo e de uma rede de varejo. Os sapatos eram gastos, de vinil em vez de couro, como a bolsa. Ele olhou fixamente para ela com novo interesse. Julgando pela aparência, ela não era uma profissional bem sucedida.

"Por mais injusto que pareça, nós somos julgados pelas companhias para as quais trabalhamos", ele disse tranquilamente. "Alguns dos seus colegas não têm nenhum escrúpulo ou consciência".

"Eu não sou assim".

"Sim, você é", ele disse simplesmente. "Caso contrário, por que estaria perseguindo minha por causa de uma indiscrição?".

"Essa é uma maneira um tanto minimizada de colocar as coisas", ela indicou.

"O que, seria então um possível caso?".

Os lábios dela se separaram. "Sr. Deverell, o corpo do senhor Harvey foi achado essa manhã flutuando nu no rio Tamisa. A sua mãe é a suspeita número um da Scotland Yard".

Ele prendeu a respiração. O choque e terror que ele sentiu estavam em sua expressão dura, sua mandíbula contraída.

"Você realmente não sabia, não é?", ela perguntou preocupada. "Eu sinto terrivelmente, desculpe-me. Eu pensei…"

Ele a pegou pelo braço tempo suficiente para olhar a conta, pegar uma nota de cinco dólares e colocá-la na mesa antes de levá-la porta a fora.

"Uma xícara de café não custa cinco dólares", ela murmurou enquanto ele a levava para fora pela entrada.

"Eu sei como os garçons e garçonetes são mal pagos. E isso é da sua conta?", ele perguntou seco.

"Você poderia me deixar ir?".

"Não mesmo. Você não vai colocar minha mãe na primeira página. Eu tenho você e vou te manter comigo até que eu chegue ao interior dessa história".

"Você não pode! Isso é sequestro. É contra a lei!".

"Grande coisa", ele murmurou. "Vamos".

Ele a pôs em seu grande Lincoln ao lado do motorista e entrou ao lado dela, rapidamente fechando a tranca da porta para que ela não pudesse abri-la. Ela fungou e tentou abrir a porta, mas estava presa.

"Coloque seu cinto de segurança", ele disse.

Ela o fez, somente depois que ele engrenou o carro e deu a partida, ela não queria ir para o banco de trás do carro da pior forma.

"Você dirige como um louco!", ela exclamou.

"Foi o que me disseram".

"Escute aqui, eu não vou a qualquer lugar com você. Deixe-me ir!".

"Quando nós chegarmos ao aeroporto", ele a assegurou.

As sobrancelhas dela se ergueram. "O aeroporto?".

"Nós vamos para Londres. Você é desembaraçada e tem contatos que eu não tenho". Ele deu uma olhada rápida para ela persuasivamente. "Você vai me ajudar a achar Tansy".

"Oh, agora eu vou?", ela devolveu arrogantemente. "E o que eu vou ganhar com isso?".

"Um furo de primeira página quando nós limparmos o nome dela".

"Você está doido!".

Ele concordou com a cabeça. "Aparentemente".

"Mas eu não posso deixar o país. Não assim. Eu disse a você, tenho responsabilidades".

"Eu também. Elas vão esperar até você voltar".

"Mas eu devo ficar", ela persistiu.

Ele ergueu o telefone do carro e o deu para ela. "Ligue para alguém e faça os arranjos".

Ela hesitou, mas só por um minuto. Ela não podia perder essa chance única na vida, porque essa realmente era. Uma vez que ela conseguisse a história, iria publicá-la, não importava o que ele tentasse fazer. Se ela não fosse com ele, ele poderia achar um jeito de bloqueá-la, mantê-la longe de achar a mãe dele. E isso ela não deixaria.

Ela esmurrou o número e então o botão para fazer a chamada ao longo das células aéreas.

Tocou uma, duas, três vezes.

"Alô?".

Ela sorriu ao ouvir aquela doce e velha voz vívida. "Oi. Sou eu. Eu apenas queria te dizer que vou viajar por um dia ou dois. Deixa a Sra. Harris vir e cozinhar para você. Vou arrumar as coisas quando chegar a casa".

"Perseguindo aquela velha louca, não é?", uma risada funda veio do outro lado da linha. "Como eu, quando era mais jovem".

"Não como você", ela respondeu sorrindo. "Você costumava a ir a bares com o Lafayette Escadrille e o SAS. Eu apenas fico na sua sombra".

"Bajuladora!".

"Não se esqueça de trancar as portas à noite", ela acrescentou preocupada. "E se precisar de mim…"

Chris já teve uma imagem formada, pelos breves momentos de conversa que tinha escutado.

"Dê a ele este número", ele disse a ela sem tirar os olhos da estrada—uma boa coisa, na velocidade em que eles estavam indo. Ele ditou o número do celular, e então acrescentou um

com número internacional. "Esse está em Londres. Ele pode me ligar a qualquer hora se precisar de você. Eu farei com que as ligações sejam imediatamente repassadas".

Ela transmitiu as informações.

"Parece jovem", o homem velho disse rindo. "Ele é?".

"Algo assim", ela respondeu cautelosamente. "Fique quente, também. Não se preocupe em aumentar o calor. Certo?"

"Certo. Agora pare de se preocupar comigo e faça o trabalho. Não nos envergonhe".

"Eu não ousaria!", ela riu. "Eu verei você quando voltar, vovô".

"Cuide-se, também. Você é a única família que eu ainda tenho".

"Eu também". Ela sorriu enquanto desligava. Ela deu uma olhada rápida para o homem taciturno ao lado dela cautelosamente. "Obrigada".

Ele encolheu os ombros. "Você fará melhor seu papel de detetive se não estiver preocupada. Seu avô parece uma figura".

"Ele era, e ainda é. Ele foi repórter durante as guerras de quadrilha em Chicago, durante a Lei Seca, e depois ele foi correspondente de guerra". Ela riu. "Ele pode contar algumas histórias. Eu sigo seus passos, mas não muito bem. Eu não estou certa de que sou feita para ser repórter investigativa afinal".

"O que você fez antes?".

"Eu fiz notícias políticas e programas de TV". Ela riu amplamente. "Eu era boa nisto, também, mas vovô disse que eu estava perdendo tempo e me enfraquecendo. Ele queria que eu fizesse algo excitante e me arriscassem enquanto ainda fosse jovem o suficiente".

"Você não tem nenhuma outra família?".

Ela agitou a cabeça. "Meus pais morreram no exterior. Eles estavam viajando para o Oriente Médio quando o avião em que estavam foi acidentalmente abatido. Vovô me pegou e criou desde que eu tinha apenas dez anos".

"Que azar" ele disse. "Nenhum irmão, irmãs, tios ou tias?".

"Uma tia", ela respondeu. "Ela vive na Califórnia e nunca escreve". Ela deu uma olhada rápida para ele.

"Pelo menos você tem um irmão".

"Um irmão e uma mãe", ele respondeu.

"Como ela é?".

"Ela é uma cria do inferno", ele retornou brincando. "Eu nunca a vi ficar longe de apuros. Mas ela não mata ninguém", ele acrescentou firmemente.

"Eu espero que você esteja certo", ela respondeu.

"Eu sei que estou". Mas havia uma fraca dúvida em sua voz. Ele girou o carro sobre a estrada que levava ao aeroporto de Jacobsville, com novas linhas em seu rosto preocupado.

Capítulo 2

O aeroporto de Heathrow estava cheio, especialmente pela época do ano. O verão é a alta estação para a maioria dos turistas, e enquanto Chris passava ao longo do caminho lotado para a linha que costumava usar, ouviu sotaques de países do mundo inteiro. Ele deu uma olhada rápida para Delia, surpreso com seu rosto. Ela parecia afetada demais pelo ambiente,

pelas pessoas ao seu redor. Alguns estavam usando roupas exóticas, e ela parecia achá-los fascinante.

Ele teve um pensamento súbito. "Você tem passaporte, mas nunca tinha saído dos Estados Unidos, antes não é?", ele perguntou.

Ela deu uma olhada rápida para ele com um sorriso tímido. "Na realidade, não. Eu sempre quis viajar como o meu avô fazia, então tirei o passaporte, mas não tinha condições de ir a qualquer lugar até que peguei esse trabalho recentemente. Agora que eu posso, tenho ficado com medo de deixá-lo sozinho. Ele é diabético, sabe, e não para de comer doces. Ele ficou em coma duas vezes nos últimos três anos, porque é muito teimoso para admitir que haja alguma coisa de errado com ele".

"Isso soa familiar", Chris murmurou sob a respiração. Ele deu uma olhada rápida para a fila ao lado deles que tinha diminuído consideravelmente. Ele tomou o braço de Delia e a guiou, junto com sua bolsa, até a fila menor.

"Você sabe como fazer isto, não é?", ela perguntou impressionada.

"Eu passo muito tempo no estrangeiro", ele comentou. "Está com sua passagem?".

"Aqui mesmo". Ela a segurou.

Eles passaram pelo controle de bagagem com um mínimo de rebuliço, e Chris foi direto à agência de aluguel para pegar um veículo. Minutos mais tarde, eles estavam a caminho do hotel, para fazer o registro de entrada. Ele parecia achar muito fácil dirigir no lado esquerdo da estrada. Fazia Delia nervosa, mas depois dos primeiros minutos, ela relaxou e começou a prestar atenção à paisagem.

"Nós deixaremos a bagagem, comeremos alguma coisa, e iremos para Back Wallop", ele disse.

"Estou contente por ver que você não está planejando deixar o atraso do avião te deixar para trás", ela comentou secamente.

Ele ergueu uma sobrancelha e sorriu. "O que você sabe sobre atraso de aviões?".

"Eu li muitos livros de viagem. Além disso, meu avô é uma autoridade. Como eu mencionei antes, ele era um correspondente de guerra".

"Em que guerra?".

"A Segunda Guerra Mundial, Coréia, Vietnã, e várias outras pequenas guerras em países hispânicos".

"Estou impressionado".

"Ele pode contar algumas histórias", ela meditou. "Mata-o saber que ele não pode mais fazer isto. Ele tem setenta e três anos, artrite e diabete. É como se tivesse desistindo da vida porque teve que diminuir a velocidade".

"Tansy tem o mesmo problema", ele confidenciou. "Ela pensa que tem dezesseis anos de idade, mas o corpo dela não pode fazer o que a mente quer".

"Ela deve ser uma pessoa fascinante".

"Eu sempre achei", ele disse. "Minhas memórias mais antigas da minha mãe são imagens extravagantes, coloridas. Ela estava sempre indo a algum lugar, dando festas, ou nos arrastando para eventos culturais como ópera e teatro". Ele agitou a cabeça. "Ela costumava ser apenas um pouco menos despreocupada". O rosto dele ficou sério. "Eu não posso acreditar que ela esteja envolvida com um assassinato. Isso não se parece nada com ela".

"Qualquer pessoa pode entrar em uma circunstância onde a violência se torna a única resposta", ela disse, olhando para fora da janela para as ruas lotadas. "Nós estamos no centro da cidade?".

"Sim. E aqui é o nosso hotel". Ele saiu da estrada e entrou num pátio elegante, onde um homem vestido como alguém dos tempos medievais estava abrindo e fechando portas de carros para os clientes.

"É muito elegante", ela comentou.

"Quando eu viajo, sempre vou de primeira classe", ele disse negligentemente. "Acho menos desgastante ser mimado, especialmente se você tem mais de um ou dois países para fazer negócios".

"Eu pensei que você não trabalhasse", ela disse.

Ele deu a ela um olhar incrédulo. "Eu herdei dinheiro, mas tenho que trabalhar para mantê-lo", ele disse. "Eu tenho dinheiro em negócios no mundo inteiro, em várias corporações multinacionais. Eu gosto de saber onde meu dinheiro está indo, e como está sendo gasto"

"Então é assim que funciona", ela murmurou.

Ele riu. "Fique comigo, criança. Eu te farei uma empresária em um instante".

"Isso seria bom", ela disse. "Acho que iria gostar de fazer uma fortuna", encolheu os ombros. "Bem, eu gostaria do desafio de tentar", ela acrescentou pensativamente. "Dinheiro realmente não importa muito para mim, mas eu gostaria de mimar um pouco o vovô enquanto eu ainda o tenho. Ele se sacrificou muito para me educar".

O homem uniformizado abriu a porta para Delia e a ajudou a sair, enquanto fazia sinal para um porteiro para pegar a bagagem do porta-malas, que Christopher já tinha aberto automaticamente do lado do motorista.

Chris escoltou Delia para a escrivaninha dianteira e os registrou, em quartos duplos separados.

Ele deu a ela um cartão codificado com a chave e foram até o elevador.

"Você parece envergonhada", ele comentou.

E estava. O balconista perguntou se eles iriam compartilhar o mesmo quarto. Ela tinha se sentido desconfortável.

"Desculpe", ela murmurou. "Eu não estou acostumada a ambientes sofisticados. Eu acho que há vários casais que não são casados por aqui e ninguém pensa nada sobre isto. Eu ainda estou um pouco atrasada em relação ao resto do mundo".

Ele ficou boquiaberto. Ela era um anacronismo, com certeza. Isso provavelmente tinha acontecido por ter sido criada por um homem de uma geração diferente.

"Nenhuma vida amorosa?", ele provocou.

Ela não pegou a isca. "Não agora", ela respondeu.

Ele parou quando eles saíram no quinto andar. Ele a mostrou como usar a chave de cartão.

"O carregador vai trazer a bagagem em breve", ele prometeu. "Enquanto isso, eu vou me refrescar e passar para te levar para comer quando formos sair do hotel". Ele hesitou. "Já comeu peixe frito com batatas?".

"Não como os verdadeiros ingleses", ela disse.

Ele riu amplamente. "Então você vai provar".

Eles pararam à beira da estrada e engoliram o peixe com batatas e beberam chá forte ouvindo os sons do inglês falado adequadamente ao redor deles. Delia estava adorando a nova experiência.

"Mais tarde, nós teremos uma refeição sentados adequadamente", ele prometeu. “Não há tempo agora, eu quero achar Tansy”.

"Oh, isto é muito bom”, ela protestou. "Estou adorando!".

Ele riu. "Percebi”.

Ela estava do lado direito, de forma que ele pudesse vê-la e vice-versa. Ele parecia muito preocupado, e ela se perguntou como se sentiria se fosse o avô dela que a polícia e a imprensa estivessem perseguindo.

Ela baixou a xícara de chá franzindo a testa.

"O que foi?", ele perguntou.

"Eu estava pensando em como me sentiria no seu lugar”, ela disse, olhando para ele com escurecidos olhos cinza. "Vovô é a minha vida”.

Ele observou o rosto dela e movimentou a cabeça devagar. “Tansy e Logan são a única família que eu tenho. Eu não me preocupava tanto com eles há alguns anos. Desde que eu naufraguei, minha perspectiva mudou”. Ele parecia sinistro.

"A vida é curta, e você não tinha percebida o quão curta era antes”, ela especulou.

As sobrancelhas dele se moveram. "É exatamente isso. Eu tive um choque, danos internos e externos, assim como o dano ao meu olho esquerdo. Levou meses para que eu pudesse ficar de pé, e eu nunca recuperarei a visão do olho. Isso me despertou”.

"Eu me lembro de ler sobre você nos tabloides, quando você era mais jovem”, ela recordou.

"Você era como a mãe, sempre dentro e fora de escândalos”.

"Não mais", ele disse. "Não vale a pena o risco”.

"Como assim?”, ela perguntou solenemente.

Ele girou e olhou para ela abaixo pensativamente. "Deixar o mundo um pouco melhor do que era quando nós o encontramos", ele disse simplesmente.

Ela sorriu. "Eu gosto disso”.

Ele tocou o dedo na ponta do pequeno nariz dela e sorriu. "Eu gosto de você”, ele genuinamente disse, e riu enquanto ela corava lindamente.

"Você tem certeza? Eu achei que estava no topo de sua lista de inimigos”.

Ele agitou a cabeça. "Você não se ajusta em nada com a imagem de uma severa caçadora de notícias", ele disse simplesmente.

Ele fez uma carranca ligeiramente. "De fato, eu não acho que você tem o que é necessário para fazer o trabalho corretamente. Você tem coração demais. Eventualmente, será torcida como um pano molhado”.

Ela enrijeceu. "Eu tenho sido repórter há vários anos e posso fazer este trabalho”, ela afirmou obstinadamente. "Vovô diz que eu tenho apenas que pôr de lado meus complexos e me concentrar no processo de recolher informações”.

"Seu avô pode, provavelmente, almoçar enquanto assiste a um tiroteio", ele respondeu. "Acho que ele ficou em uma concha tão firme ao longo dos anos que nada o afetaria”.

Ele estava certo. Ela odiava admitir isto "Ele disse que era sensível quando começou, também”.

"Tola. Ele passou por isso logo no primeiro dia no campo". Os olhos dele se estreitaram. "Você consegue realmente se imaginar imprimindo tudo o que descobrir sobre as vidas íntimas das pessoas que se escondem atrás das máscaras sociais que usam? Você pode destruir um casamento com as histórias dos cônjuges ou manchetes de infiéis fazendo notícias sobre suas perversões sexuais privadas? Esse tipo de notícias destrói vidas, Delia. Você é realmente dura o suficiente para machucar as pessoas deliberadamente por causa de suas manchetes?".

Ele estava perguntando a ela as mesmas coisas que ela se perguntava. Ele a fazia ficar incerta, insegura de si mesma. Ele a tinha feito ficar envergonhada. Ela não o respondeu. Em vez disso, enxugou a boca no guardanapo e o pôs no prato.

Ele deu uma olhada rápida para o relógio. "Você acabou? Nós precisamos começar".

"Sim. Estou cheia". Ela terminou o chá e não olhou para ele enquanto se levantava do balcão e o deixava para pagar a conta. Ela começou a descer a rua indo ao cheio distrito comercial, pensando em como era antigo este país e quantos impérios o tinham abraçado. A história da Grã-Bretanha sempre a tinha fascinado, e agora aqui estava ela em Londres, e estava triste demais para prestar atenção às visões que sempre tinha sonhado ver.

Ela sentiu os dedos firmes de Chris se fecharem ao redor de seu cotovelo enquanto ele a escoltava até o carro e a colocava, no que seria nos Estados Unidos, no lado do motorista do carro. Aqui o volante era do lado direito.

"É estranha essa sensação, não é?", ele perguntou com um sorriso.

"Muito".

Ele entrou e deu a partida no motor. "Diga tudo o que você sabe sobre o assassinato", ele perguntou.

"Bem, honestamente, eu não sei muito", ela teve que confessar. "Eu fui informada de que o último membro do parlamento tinha sido encontrado flutuando no rio com um traumatismo na têmpora direita. A causa oficial da morte foi afogamento, porém".

"Na têmpora direita? Tem certeza?".

"Sim, estou".

Ele pareceu, estranhamente, um pouco aliviado, mas voltou ao tráfico novamente e o momento de perguntas passou.

Delia ficou encantada com a zona rural inglesa. Ela estava cheia de perguntas, para as quais Chris pareceu saber a maior parte das respostas. Ela ficou surpresa por descobrir que ele era algo como uma autoridade na história dos Tudor.

"Eu aposto que você assiste todos os especiais de drama britânico sobre Henrique VIII que aparecem na televisão", ela disse com uma risada.

"Eu vejo. E encontro falhas na maior parte deles", ele acrescentou. "A história não é excitante o suficiente para exibições visuais, porque ela acontece durante um longo período de tempo. Para que seja saboroso às massas, tem que ser comprimido, e isso o distorce. Mas eu vejo a ficção pelo que ela é, simplesmente um entretenimento, e eu a aprecio da mesma forma".

"Eu gosto da história dos nativos Americanos", ela disse. "Os índios receberam um tratamento injusto".

"Todo mundo recebe um tratamento injusto", ele incluiu. "Que tal os milhares de irlandeses que passaram fome durante a grande escassez de batata e não receberam ajuda de fora? Que tal os prisioneiros políticos que morreram em acampamentos de concentração na

Alemanha nazista, ou o povo russo que Stalin purgou? De fato, que tal os Huguenotes franceses que fugiram da Europa ou tiverem que ser sacrificados?".

"É um grande pesar", ela exclamou.

"Isto não é uma fração do todo", ele continuou. "Civilizações há muito sumidas tiveram suas perseguições e escravidões. Nossos próprios antepassados estavam provavelmente entre eles. Caso contrário, por que eles teriam vindo para a América em primeiro lugar? Eles estavam procurando por algo que não tinham em seus próprios países".

Ela sorriu para ele. "Você é muito interessante para se conversar", ela disse inesperadamente.

Ele desatou a rir. "Isto é novo", ele murmurou. Ele não olhou na direção dela; Ela estava em seu lado cego, e teria sido perigoso girar a cabeça o suficiente para ver seu rosto. Mas ela já estava formando um retrato vívido no fundo de sua mente.

"Eu não entendo". Ele deu seta e convergiu para uma autoestrada. "Na minha juventude, eu era o que a maioria das pessoas se refere como um devasso", ele comentou. "Eu apenas saia com certo tipo de mulher, muito sofisticada e moderna, se você entende o que eu quero dizer".

Ela entendia. E limpou a garganta. "Entendo".

Ele sorriu refletindo. "Como eu mudei", ele murmurou.

O comentário sarcástico chamou a atenção dela. "Por que você mudou?".

"Talvez eu não seja mais tão confiante quanto era", ele disse pensativamente. "As cicatrizes me deprimem às vezes, quando eu olho no espelho. Eu poderia provavelmente me livrar do resto delas, mas eu estou tão cansado de hospitais e médicos".

Ela o estudou disfarçadamente por um momento antes de voltar o olhar para a estrada à frente deles. "As cicatrizes parecem devassas, sabe", ela murmurou.

"É mesmo?", ele não soou divertido.

"Eu sei que deve ter sido terrivelmente doloroso", ela acrescentou depressa.

"Eu não estou ofendido. Já me acostumei a isto, acho. Mas eu sinto falta de ter a visão em ambos os olhos".

"Claro que sim. Eu apenas quis dizer que você não é desfigurado".

"Foi o que me disseram". Ele parou em um poste com uma placa que indicava o caminho para Back Wallop.

"Bem, algo foi completado hoje", ele disse, indicando a placa. "Do mapa, eu diria que nós estamos a mais ou menos dez minutos. Espero que nós possamos localizá-la", ele acrescentou desconfortável. "A Inglaterra é um país grande".

"Você sempre a achou antes, não é?".

"Sim. Mas nós tínhamos detetives particulares no caso", ele a corrigiu. "E eu não ousaria envolvê-los novamente, dadas as circunstâncias. Dane Lassiter, que faz o trabalho investigativo para a nossa família, era um guarda-florestal do Texas. Apesar de suas amizades, ele sempre segue a lei e não pede desculpas por fazer isto"

"Em outras palavras, ele entregaria a sua mãe", ela determinou. "Ele é realmente assim tão difícil?".

"Diminuiu um pouco depois que se casou e teve uma família, mas ele ainda é um homem da lei-e-ordem. Eu não quero colocá-lo a par da situação". Ele sorriu severamente. "Eu queria ter prestado mais atenção às conferências de justiça criminal na faculdade".

"Você se formou?", ela perguntou.

Ele agitou a cabeça. "Eu estava muito ocupado bebendo e me divertindo para prestar muita atenção às aulas. Eu saí no meu segundo ano. Não foi nenhuma grande perda", ele a assegurou. "Eu herdei mais que a maioria dos diplomados fazem durante toda a vida".

"Então você apenas se diverte".

Ele encolheu os ombros. "Até o naufrágio, eu não conhecia outro jeito de viver". Ele girou completamente na direção a ela, de forma que ela pudesse ver seu rosto. "As coisas são mais complicadas agora. Eu sinto muito por ter desperdiçado tanto da minha vida com coisas triviais". Ele observou os olhos suaves dela e sorriu calorosamente. "Você é bonita", ele murmurou, gostando do jeito como ela corou.

"Eu teria tido você no café da manhã alguns anos atrás. Mas pesaria na minha consciência como chumbo".

"Você seria sortudo", ela murmurou friamente. "Eu não gosto muito de casos descompromissados ou de pessoas que os têm".

"Eu notei".

Ela se moveu inconfortável. "Nós não deveríamos ir?".

"Deveríamos".

Ele girou o carro na direção de Back Wallop. Ele estava contente por ter insistido que Delia viesse junto na viagem, embora não estivesse bastante certo do por que. Ela o atraía como nenhuma de suas conquistas casuais tinha feito. Provavelmente porque ela era um artigo sem igual em sua vida despreocupada. Logan dizia que ele estava perdendo sua ligação à realidade, mas Chris achava que estava apenas procurando um suporte. Ele percebeu enquanto dirigia através da estrada estreita abaixo que nunca tinha realmente pensado muito adiante. Delia o fazia pensar sobre casas no campo e jardins em flor. Ele fez uma carranca, porque eles mal se conheciam. Ele nunca tinha se sentido assim com outras mulheres. Não que o tipo de mulher que ele gostasse desperdiçaria seu tempo cuidando de canteiros de flores, ele pensou divertido. Ele se perguntou como Delia ficaria em um vestido de seda azul, esparramada em lençóis de seda preta…

A direção de seus pensamentos o trouxe de volta para o presente. Ele não podia se dar luxo desse tipo de lapso, não com esta mulher.

Ela era o tipo de mulher para casar. Seria melhor ele se lembrar disto, também.

Eles chegaram à aldeia pequena de Back Wallop quinze minutos mais tarde e estacionaram ao lado da banca de jornal.

"Melhor lugar para fazer perguntas, se não formos muito óbvios", ele assinalou, enquanto abria a porta para ela e a ajudava a sair do pequeno carro.

"Com nossos sotaques, nos misturaremos perfeitamente", ela disse sarcástica.

Ele riu suavemente. "Não se importe com isso, apenas me acompanhe". Ele enrolou os dedos dela nos dele, aumentando o aperto quando ela tentou se soltar, e a levou até a loja.

"Dia", o proprietário os saudou com um olhar especulativo. "Precisa de ajuda, rapaz?".

"Apenas estou perdido, obrigado", Chris disse com um sorriso morno. "A minha esposa e eu estamos aqui para visitar meus primos, o Duque de Marlboro e sua esposa, a senhora Gail, mas nós acabamos de ouvir sobre o senhor Harvey e pensamos em passar por Back Wallop no caminho para dar nossos cumprimentos a senhora Harvey. Poderia nos ajudar com o caminho?".

"Você é primo do duque de Marlboro, sério?", o homem estava impressionado.

"Sim. Você conhece Georgie?", ele limpou a garganta. Não, ele não conhecia, e ainda que o fizesse não o chamaria sua senhoria o duque de "Georgie".

"A senhora Harvey vive só estrada abaixo no Solar de Carstairs. É à esquerda logo depois da ponte quando você fizer a curva. Você não pode deixar de ir. Que triste o que aconteceu com o velho homem".

"Sim, é verdade. Obrigado", Chris disse. "Pronta para ir, querida?", ele acrescentou, puxando Delia para perto e olhando para ela com uma expressão no rosto que fez os joelhos dela vacilarem. Ela corou novamente e concordou com a cabeça, sem confiança na própria voz.

"Recém casados, não é?", o lojista disse com um sorriso. "Qualquer um pode ver. Você tem sorte, rapaz, ela é uma beleza".

"E eu não sei?", Chris murmurou, com uma piscada em sua direção. "Vamos indo, minha menina. Obrigado pela ajuda", ele acrescentou por sobre o ombro.

"De nada". O lojista riu para si mesmo, vendo-os irem embora. Chris pôs o braço ao redor de Delia e a puxou para perto, de forma que estivesse ajustada bem debaixo de seu braço. Eles ficavam bem juntos, o homem moreno e alto com a pequena mulher loira e bonita. Ele suspirou, lembrando-se de seu próprio casamento na juventude. Ele sentia falta da esposa, pensou, e olhar para o casal diante dele fez a dor aumentar mais. Que sorte eles tinham, de poderem olhar ansiosamente para uma vida inteira que passariam juntos.

Chris, despercebido do olhar do lojista, puxou Delia para mais perto quando eles pararam ao lado do passageiro do automóvel. Ele levantou o suave queixo dela com a ponta dos dedos e observou seus olhos cinza confusos. Eles eram suaves como uma chuva de verão, ele pensou inconsciente de tudo ao seu redor. Ela tinha um coração do tamanho do mundo, e ela ficava tão bem sob seus braços. Ele olhou para a boca em forma de arco, rosa, bonita e ligeiramente separada. Seria estúpido fazer o que ele estava pensando. Ele percebeu isto, mesmo quando sua cabeça se curvou e sua boca tocou suavemente naqueles adoráveis lábios rosa. Eles eram tão suaves quanto ele tinha imaginado, e eram apenas um pouco instáveis sob a pressão gentil. Ele hesitou, erguendo um pouco o rosto para ver o que ela queria. Os dedos dela estavam contra a fina camisa dele, apenas tocando, e então abriram, apertando-se contra seu peito. O movimento minúsculo foi tudo o que ele necessitava para encorajá-lo. Ele se curvou novamente, e desta vez a pressão não foi nada tenra ou breve.

Delia sentiu o coração parar no peito quando os braços dele se contraíram e a trouxeram contra ele, ajustando-se ao seu corpo. A boca era morna, firme e devastadoramente hábil. Ele fazia coisas nos lábios que ela nunca tinha experimentado com nenhum outro, despertando coisas que a fizeram gemer.

O som o acordou do transe em que tinha caído. Ele ergueu a cabeça, respirando com um pouco de dificuldade, e olhou dentro dos olhos turbulentos e chocados dela.

"Você não sabe muito sobre beijos para uma mulher com a sua idade", ele disse, sem qualquer expressão em seu rosto magro e bonito.

Ela tragou e tentou acalmar a respiração. "Eu te disse…"

"Beijar não te deixará grávida", ele continuou implacavelmente. "Nem mesmo um beijo de língua. Você não gosta disso, não é?".

Ela se sentia muito na defensiva, desajeitada e sem experiência. Ela o encarou nos olhos que ainda estavam meio chocados. "É uma rua pública!", ela disse com uma risada nervosa.

"Sim, eu sei, e em um local privado, você teria lutado comigo", ele disse sem ênfase. Ele saiu de perto dela, centímetro por centímetro. Ele estava fazendo uma carranca, silenciosamente, quase horrendo. Havia algo no olhar dela, em seu rosto, que o tinha transtornado.

"Nós não deveríamos… ir?", ela perguntou sem ar.

"Provavelmente", ele concordou. Ele abriu a porta e a acomodou antes de dar a volta no carro e se sentar ao lado dela. Sua mão magra hesitou na ignição. "Alguém te forçou", ele disse, olhando fixamente para ela. As pálpebras dela vacilaram. "Você foi estuprada?".

Ela estremeceu. "Por favor…"

"Você foi estuprada?".

Ela abaixou os olhos para o colo. "Não… exatamente".

"Alguém que você conhecia?".

"Meu noivo", ela disse miseravelmente. "Quando eu rompi o compromisso dois dias antes do casamento, porque o peguei com uma das minhas damas de honra na ceia do ensaio de casamento. Ele tinha sumido durante o brinde. Eu saí para procurá-lo, e eu o achei, junto com ela, no banco de trás do carro dele". Ela suspirou. Pareceu bom, de alguma maneira, dizer a verdade a alguém. Ela não podia conversar sobre isso com o avô. "Ele me levou para casa. Vovô estava fora naquela noite, quando disse a Bruce que não me casaria com ele, e ele estava furioso e tentou conseguir o que queria comigo. Por sorte, ele desistiu. Ele disse que eu não respondia, então ele achou alguém que o faria, e que estava tudo bem por eu ter terminado o compromisso porque ele não queria perder a vida toda apenas para tentar me deixar excitada".

A dor na voz dela o suavizou. Ele olhou fixamente para ela silenciosamente. Depois de um minuto, os seus dedos se ergueram até o cabelo curto dela e o tocou, ligeiramente. "Às vezes as pessoas caem em relações porque estão sozinhas ou assustadas. O casamento tem que ter algo físico, mas também uma base sentimental. Você já o desejou?".

Ela se moveu nervosamente. "Não… daquele modo".

"Então teria sido um desastre se você tivesse se casado com ele. Você sabe disto agora, não é?".

Ela girou a cabeça e olhou para ele. Ela parecia raramente vulnerável. "Tudo aquilo… está errado", ela disse. "Não é? Eu quero dizer, depois do casamento devesse fazer, mas antes…"

A mão dele parou. "Não me diga. Você foi criada por missionários".

Ele estava sendo sarcástico, mas não sabia como estava perto da verdade.

"Sim, meus pais eram missionários", ela concordou com os olhos arregalados. "Como você sabia?".

Capítulo 3

Chris sorriu com remorso depois que a surpresa se dissipou. "Bem, bem", ele murmurou. "Então é assim".

"Eu acho que você já se esqueceu do amor mais do que eu um dia aprenderei", ela brincou. E encolheu os ombros. "Eu tinha te dito que sou um galho seco se comparada às mulheres modernas".

"Não, você não é", ele discutiu. "Você tem potencial", ele acrescentou com um tom profundo, sensual. "Tudo o que precisa é desenvolvê-lo".

"Você está se voluntariando?", ela perguntou com um sorriso irônico.

Ele puxou uma mecha de cabelo dela. "Não me tente. Nós já temos complicações suficientes sem acrescentar isso. Tansy, lembra-se?".

Ela fez uma careta. "Desculpe".

"Sem problema", ele disse com uma risada. Ele soltou o cabelo dela e deu a partida no carro.

"Primeiros nós acharemos Tansy e resolveremos os problemas dela. Então nós teremos tempo para nos dedicar ao nosso problema".

"Eu não tenho um problema".

Ele deu a ela um olhar suave de surpresa. "Você não gosta de beijos de língua, e acha que isto não é um problema?".

Ela o encarou. "Não é!".

Ele sorriu devagar. "Viu o que eu quero dizer?".

Ela decidiu que seria melhor ignorá-lo, então tentou fazer isto pelos cinco minutos necessários para chegar ao solar.

"Agora é que as coisas começam a ficar um pouco pegajosas", ele disse pensativamente, enquanto eles olhavam para o portão fechado onde três carros cheios de repórteres estavam acampados.

"Você não pode usar o interfone ali e dizer a ela que nós estamos perdidos e precisamos de direções?", ela sugeriu.

"Isso não vai dar certo. Eu aposto que cada um dos que está aqui já tentaram isso. Eu suponho que a abordagem direta é sempre a melhor". Ele saiu do carro, sorrindo jovialmente para os repórteres enquanto passava por eles, e pegou o interfone no portão. Ele falou suavemente de forma que os repórteres não pudessem ouvi-lo. Depois de um minuto ele movimentou a cabeça, colocou o interfone no local, e voltou para Delia no carro.

"Ela vai enviar um homem aqui embaixo para nós. Eu descrevi o carro que estou dirigindo", Chris disse a ela.

"O que você disse para fazê-la para abrir o portão?", ela perguntou surpresa.

"Eu disse que era parente do Duque de Marlboro e precisava falar urgentemente com ela sobre seu finado marido".

"E ela acreditou em você?"

Ele riu baixinho. "Acontece que nós nos conhecemos", ele admitiu. "Eu não tinha percebido que ela tinha se casado, razão pela qual não a tinha reconhecido como senhora Harvey. Eu a conhecia apenas como Clot Hilde Elmore".

Delia ficou imediatamente ciumenta e desconfortável. Ele não disse que a mulher era uma antiga amante, mas provavelmente era. Ela odiou imagina-lo com outras mulheres, e isso era perigoso. Ela tinha que se lembrar de que estava aqui a trabalho, e não para ficar de olho nesse antigo devasso—se é que ele tinha mudado, o que ela duvidava.

"O que você vai dizer a ela quando nós chegarmos a casa?", ela persistiu.

Ele olhou fixamente para ela, divertido. "Você é uma repórter. Não é melhor você começar a formular algumas perguntas inflexíveis?".

"Eu acho que já as tenho", ela concordou, e pegou seu bloco.

Ele cobriu a mão dela com a dele antes que os outros repórteres conseguissem vê-lo. "Não aqui", ele disse suavemente. "Eles não podem saber que estamos nos infiltrando".

"Oh. Certo". Ela guardou o bloco. "Farei isto mentalmente".

Ele parecia ter dúvidas quanto a isto, mas não disse nada. Em alguns minutos, um carro pequeno com dois passageiros apareceu na calçada. Um homem veio até o carro de Chris e entrou no banco de trás. O outro homem abriu o portão. Chris entrou na abertura antes que os repórteres pudessem forçar a passagem. O portão fechou sob um coro de vaias e gritos de desaprovação dos observadores de fora.

"Maravilha, isto", Chris brincou enquanto eles seguiam o outro carro pelo caminho longo.

"Malditos abutres", o homem do banco de trás murmurou com sotaque dos habitantes da zona pobre de Londres. "Pobre senhor Harvey nem mesmo foi enterrado, e tudo isso acontecendo. O pobre velho. Ele odiava tanto a publicidade".

"Algo que eu compartilho com o antigo lorde", Chris murmurou.

O homem atrás cadeira deu uma boa olhada para o motorista através do espelho retrovisor. "Eu conheço você", ele disse de repente. "Você é aquele Deverell da América, aquele que foi pego na cama com…"

"Não importa", Chris disse friamente. "Isto é história do passado".

"Sim, pode ser, mas você deve saber como a patroa se sente agora", ele acrescentou.

"Realmente entendo", Chris respondeu.

"Ela ficará contente com a companhia. Teve que viver como um ermitão nestes últimos dias, com toda essa confusão na entrada e tudo". Ele agitou a cabeça. "Pobre velho homem, pobre antigo lorde", ele disse tristemente, "nu como veio ao mundo e flutuando no rio, com todas aquelas pessoas tirando retratos dele. Ele era tão imponente, tão cavalheiro… Deverell", ele de repente repetiu, olhando fixamente para Chris. "Você é filho dela! Foi a sua mãe quem matou o pobre velho!".

"Minha mãe não mata nem uma mosca de fruta", Chris disse com absoluto desgosto. "Ela pode ser uma lunática de carteirinha, mas não é nenhuma assassina".

O homem pareceu vagamente aplacado. "Você tem certeza disto?".

"Eu apostaria minha vida nisto. Se o senhor Harvey foi assassinado, não foi pela minha mãe".

"Tem que ter sido assassinato, você não vê", veio a resposta pesada. "Ele teve uma contusão no tamanho do meu punho na lateral da cabeça. Ele se afogou, mas dizem que estava inconsciente quando se afogou".

"Ele levou a pancada no lado direito da cabeça, não foi?", Chris perguntou negligentemente.

"Certo, isso. Na têmpora direita. A batida foi tão forte que partiu o crânio. Desculpe, senhorita", ele acrescentou quando viu Delia ficar branca.

Chris deu uma olhada rápida para ela. "Eu te disse que você era muito suave para esse tipo de trabalho, não disse?", ele perguntou abruptamente.

"Que tipo do trabalho ela faz?", o passageiro perguntou.

"Ela está tentando ser uma romancista policial", Chris estava com o rosto firme. "Mas ela fica doente do estômago quando tem que ler sobre crimes reais. Eu acho que ela deveria escrever romances políticos".

"Esse é o meu tipo de livro", o passageiro disse complacentemente. "A política é a coisa mais interessante que eu conheço. Não que a maioria das coisas que lemos nos documentos seja verdade. Não mesmo".

"Concordo com isto, eu mesmo fui vítima do jornalismo deturpado", Chris disse.

"Nem toda a imprensa é deturpada", Delia se sentiu compelida a dizer.

"Não, há alguns bons jornalistas", Chris concordou. "Entretanto, eles não escrevem para os tablóides!".

Delia não replicou. Olhava fixamente para o solar de pedra cinza com real interesse. Era o mais próximo que ela já tinha estado desse nível de riqueza. O lugar era cercado por gramados e jardins, até um manancial onde a calçada circulava a casa. Havia uma varanda elegante com urnas de flores em todos os lugares, uma garagem, quadra de tênis e uma piscina enorme atrás.

"Belo jardim, não?", o passageiro disse. "O finado senhor Harvey era um jardineiro ávido, sempre se ocupando com elas".

"Minha mãe tem a mesma paixão", Chris disse, "embora ela raramente fiquem em casa por tempo suficiente para fazer isso. Ela viveu aqui há alguns anos, quando eu estava no internato".

"Você tem parentes ingleses, cara?".

"Eu sou um primo do Duque de Marlboro. E primo da família real governante também", ele acrescentou com uma risada. "Então você vê, a Grã-Bretanha não é tão estrangeira assim para mim".

"Devo dizer que não, senhor!".

Eles pararam na porta da frente e o passageiro saiu depressa para ajudar Delia a descer do pequeno automóvel, sorrindo com o tímido agradecimento dela.

"Eu estacionarei o carro para você, senhor", o passageiro disse, tomando as chaves. "Apenas dê um sinal quando estiver pronto para partir. Na hora virei".

Um mordomo atendeu à porta e escoltou Delia e Chris até a sala de estar mobiliada com antiguidades, onde a senhora Harvey, de luto, estava largada no sofá em um vestido longo com cores do arco-íris que provavelmente poderia financiar o orçamento anual inteiro de um Terceiro Exército Mundial.

Chris se apresentou, nomeando Delia como sua companheira de viagem com uma astúcia que a fez enrubescer. A senhora Harvey estendeu o braço branco e permitiu que Chris beijasse seus dedos com um ar continental.

"Que bom te encontrar", a antiga Clothilde Elmore disse lentamente em seu acentuado sotaque. "Eu estou de luto, sabe, mas fico terrível de preto. Sente-se".

"Eu sinto muito sobre o seu marido", Chris disse.

Ela acenou com a mão. "Ele estava começando seus setenta anos, sabe, e sua saúde estava começando a faltar", ela disse languidamente. "Não que eu não vá sentir falta dele, claro, mas ele era tão velho quanto eu".

Isso era discutível, Delia pensou. A mulher obviamente tinha feito várias cirurgias na face, mas sua garganta e mãos mostravam a idade verdadeira, e ela não tinha nenhum pé de galinha.

"Estou procurando a minha mãe", Chris continuou. "Eu entendo que ela esteja implicada no homicídio".

"Homicídio? Que homicídio?", a senhora Harvey exclamou, sentando imediatamente com uma mão na garganta.

"Mas os tablóides…", Delia começou.

A senhora Harvey desatou a rir, embora tivesse aparecido um rubor estranho em seu rosto. "Bom Deus, eu não tinha nenhuma ideia de que eles estivessem espalhando tal besteira. Harvey estava fazendo esqui aquático no lago anteontem. Ele perdeu o controle, bateu a cabeça com força no barco que sua mãe estava dirigindo e se afogou. Isto é tudo que há para saber".

Chris quase caiu com alívio. "Graças a Deus!".

"Eu não consigo imaginar como alguém pode ter interpretado isso como algo além de um acidente trágico", ela continuou, seca. "Que motivo sua mãe teria para assassiná-lo? Eles eram velhos amigos por causa de seu finado marido. Os três eram grandes amigos, embora tivessem parado de se comunicar depois que Cecil e eu nos casamos, claro. Eu não tinha nada em comum com tais coisas desordeiras, para falar honestamente. Sua mãe estava sempre no meio de alguma circunstância ultrajante".

"Ela não conhece outro jeito de viver", Chris concordou. Ele fez uma carranca. "Mas se não há nenhum homicídio, por que estão procurando a minha mãe?".

A senhora Harvey fez um gesto displicente com a mão. "Eu não tenho nenhuma ideia. A polícia a questionou, me questionou também e se foi. Meu advogado disse que não há nenhum indício suspeito e nenhuma investigação adicional foi autorizada".

"Então eu fiz a viagem à toa", ele disse com um sorriso enquanto ficava de pé, estou muito agradecido. "Mas você não tem nenhuma ideia de onde minha mãe possa estar?".

"Nenhuma, ela deixou o país logo após a polícia ter vindo, foi o que eu ouvi. Ela não me disse onde estava indo". Ela pensou por um minuto. "Bainbridge pode saber. Ela e Cecil eram amigos dele também. Sim. Você poderia tentar o senhor Bainbridge. Ele mora nessa mesma estrada, alguém pode te levar até lá".

"Obrigado. A senhora tem sido muito cortês, e em uma hora tão difícil", Chris disse, curvando-se para beijar a mão dela novamente.

"Oh, não se preocupe, estou agradecida pela sua companhia. Aqueles repórteres terríveis não vão embora, Deus sabe por que".

"Eles se cansarão eventualmente e se preocuparão com outra pessoa", Chris a assegurou. "Tenha um bom dia".

O carro foi trazido pelo mesmo homem que os tinha acompanhado até o solar. Ele acenou para eles, o portão foi aberto, e Chris e Delia passaram através do exército da imprensa.

"Espere apenas um minuto, por favor", Delia pediu enquanto ele começava a se retirar da estrada principal. Ela acenou para uma jornalista e abriu a janela.

"Ela disse que não houve nenhum assassinato, e que a Scotland Yard determinou que a morte foi acidental", ela disse à morena. "Se foi isto, por que vocês estão todos aqui fora?".

"Ela disse isto?", a jornalista perguntou. "É novidade para nós. Nós ficamos sabendo ainda essa manhã que a ideia de morte acidental foi rejeitada e que a acusação de assassinato está contra uma mulher chamada…", ela virou um bloco para ler, "Tansy Deverell, uma americana".

"Ela disse que o senhor Harvey estava praticando esqui aquático quando caiu e bateu a cabeça com força no barco e se afogou", Delia persistiu.

"Ele ficou inconsciente com uma pancada com um objeto cego que suspeitam ser uma bengala de prata", a mulher respondeu. "A Sra. Deverell é conhecida por ter tal bengala. A polícia está no comando agora. E o senhor Harvey foi achado em um rio, e não em um lago, totalmente nu".

"Eu não estou entendendo nada", Delia disse com convicção.

"Nem nós. Mas a lady lá em cima herdou dez milhões de libras e, mesmo com os impostos sobre a herança, é uma enorme fortuna. Além disso, ela anda misturada com um homem que é militante do partido dos trabalhadores —" Ela parou. "Quem é você?".

"Sou uma jornalista americana", Delia disse honestamente. "Meu jornal me enviou aqui para ver o que eu poderia descobrir. Bem, a Senhora Deverell é americana". Ela deixou a implicação subentendida.

"Entendo. Por acaso você saberia algo sobre ela?", a mulher perguntou evasivamente.

"Apenas sei que ela disse uma vez que tinha sido abduzida por aliens, e que um xeique tentou adicioná-la a seu harém".

A jornalista riu deliciada. "Obrigada! Ela não soa como uma assassina, não é? Que passarinho incrível! Queria que ela fosse minha mãe".

"Eu também", Delia disse. "Obrigada".

"Você, também!".

Chris foi embora enquanto Delia estava fechando a janela. "Você não tinha que ser tão informativa!".

"Sim, tinha. Ela me deu informações, e eu dei informações a ela. Nós estamos em igualdade". Ela deu uma olhada rápida para ele e viu as linhas de tensão.

"Eu ainda não acho que foi ela quem fez isto, com evidência ou sem. E gostaria de saber mais sobre este homem do partido dos trabalhadores".

"Você pareceu aliviado quando disseram que o MP recebeu a pancada na lateral direita da cabeça. Por quê?", ela perguntou curiosamente.

Ele riu amplamente. "Porque Tansy é canhota. Vamos ver Bainbridge. Talvez ele possa nos ajudar com alguns detalhes".

O senhor Bainbridge podia, e o fez. Ele não era amigo da Lady Harvey, mas sabia bastante sobre ela.

Ele passou a mão no bigode branco espesso e se debruçou para trás na enorme poltrona próxima à lareira. "Vagabunda, é o que ela é, peço seu perdão, madame", ele disse a Delia. "Nada além de uma vagabunda. Eu adverti Cecil sobre ela, mas ele estava tão obcecado com sua beleza que não descansou até se casar com ela. Rosto cheio de plásticas, lipoaspiração, maquiagem forte e enchimento, isto é tudo o que ela era, com um olho mercenário. Todos nós conseguimos ver. Agora ela o matou e culpará a pobre Tansy para se salvar".

"Tansy não é um assassina", Chris disse seco.

"Eu sei disto. Todos nós sabemos. Mas ela é a principal suspeita. Parece que a lady tem um álibi perfeito. Estava dando uma festa em benefício de crianças no momento em que Cecil morreu".

"Ninguém pode ser assim tão preciso com a hora da morte", Delia disse sem ênfase. "Especialmente se o corpo estava na água por algum tempo. A temperatura da água pode distorcer o tempo da morte em pelo menos duas ou três horas".

Ele agitou a cabeça. "Ele estava usando um relógio de pulso e ele aparentemente ergueu o braço para amenizar a pancada. O visor do relógio estava rachado e parado no que presumem que seja a hora exata da morte".

"Que conveniente", Chris murmurou.

"Não é conveniente. Planejado", Delia voluntariou. "E malevolamente inteligente".

"Se Tansy não tivesse fugido", Chris disse profundamente. "É do feitio dela parecer culpada, ainda que não seja".

"Eu não acho que ela fugiu", o senhor Bainbridge confiou. "Acho que ela está em algum lugar sob custódia para que assim não possa dizer seu lado da história. Eu acho que ela viu o assassinato".

Dois pares de olhos se arregalaram. "Mas, quem?".

"Pelo namorado da lady", o homem velho disse. "Tony Cartwright. Ele é jovem, com boca grande e seguidores. Ele encabeça um dos grupos de militantes que quer desalojar o partido da situação. Ele tem lançando dinheiro como flocos de milho ultimamente, e não tem nenhum meio visível de suporte. Minha suposição é de que a senhora Harvey o estivesse dando suporte e que o marido dela tenha descoberto e cometido o engano de confrontá-la com isto. Ou talvez ele os tenha pegado juntos em uma situação comprometedora. Cecil não era de manter a boca fechada. Ele entraria de cabeça".

"E foi morto por isto", Chris supôs. Os olhos dele se estreitaram. "O que nós podemos fazer?".

"Minha sugestão seria contratar um detetive particular e ter Tony e a lady dele observados", veio a resposta imediata. "De fato, eu tenho apenas um homem para você. Ele trabalhou na Interpol durante um tempo, e antes disto, há rumores de que tenha estado no SAS. Ele é caro, mas vale a pena cada centavo. Eu posso te colocar em contato com ele, se você quiser".

"Qual é o nome dele?".

O senhor Bainbridge sorriu. "Você pode chamá-lo de Seth".

"Ele tem um escritório?".

O senhor Bainbridge agitou a cabeça. "Ele faz muito trabalho ultra-secreto para o governo como um agente livre. Ele pega casos privados ocasionalmente, se eles o interessarem. Para falar francamente, ele não precisa mais de dinheiro".

"Você acha que ele pegará este caso?", Chris perguntou.

O homem velho concordou com a cabeça. "Acho que sim. Deixe-me ter o nome do seu hotel e eu pedirei para ele contatá-lo hoje à noite".

Chris soltou uma respiração longa. "Você tirou um peso da minha mente. Minha mãe é uma lunática, mas eu a amo".

"Muitos de nós também, e a perdemos", o velho homem disse pensativamente. "Sim, até eu. Você não tem ideia da beleza que ela era cinquenta anos atrás. Eu a encontrei em Madrid num verão e nunca consegui esquecer. Eu farei qualquer coisa que puder para ajudá-la".

"A senhora Harvey sabe disto?".

Ele agitou a cabeça e riu. "Duvido que ela teria te mandado para mim se soubesse. Ela acha que eu era melhor amigo do marido dela e pode se sentir vingativa. Estou certo de que ela pensou que eu iria bater a porta na sua cara. Azar o dela", ele acrescentou severamente.

Delia e Chris agradeceram ao velho soldado e voltaram para o hotel de Londres.

Chris estava abatido quando deixou Delia em sua porta. “Telefonarei para você se Seth entrar em contato comigo”, ele disse. "Tente descansar um pouco. Eu não sei aonde isso vai nos levar, mas espero que o senhor Bainbridge esteja errado sobre o fato de Tansy ser uma prisioneira. Esta história toda é louca!".

"A maioria dos crimes é, mas ele faz grande sensação para os perpetradores”. Ela passou a mão suave sobre a bochecha magra dele. "Tente não se preocupar. Vai dar tudo certo”.

Os dentes dele trincaram. Ele ergueu os braços e a puxou para ele. "Eu não sei como eu teria conseguido passar por hoje sem você”, ele disse rouco e curvou a boca até a dela.

As palavras a suavizaram tanto quanto o beijo lento e doce que ele deu nos lábios abertos dela. Ela ofegou e os lábios dele se abriram, pressionando mais. Ele fez um som sob a respiração e suas mãos soltaram os braços dela para puxar seus quadris, deliberadamente, contra a cintura dele.

Ela se afastou ofegante. "Aqui é… público”, ela gaguejou.

Ele estava tendo dificuldade em controlar a própria respiração. Ela era deliciosa, bonita, doce e inteligente. Ele olhava para as mulheres como espólios de um naufrágio. Agora viu o que tinha desejado na maior parte de sua vida—uma mulher com coração. Talvez ele tivesse que envelhecer o suficiente para apreciar o que estava dentro ao invés de fora.

Ele pegou ambas as mãos dela e as ergueu até seus lábios. "Você é um tesouro”, ele disse tranquilamente. "Obrigado por vir até a Inglaterra comigo”.

"Bem, eu não tive muita escolha, lembre-se”, ela gaguejou, porque o beijo a tinha surpreendido.

Ele riu. "Então você não tinha”. O sorriso enfraqueceu. "Quer ficar? Eu te mandarei de volta para casa se você realmente quiser ir”.

"Oh, não, não ainda”, ela disse depressa. "Nós temos que limpar o nome da sua mãe primeiro!".

Ele estava brincando com o simples anel de prata e pedra turquesa que ela usava no dedo do meio da mão direita.

"Você estava falando sério quando disse que queria uma mãe como Tansy?".

Ela concordou com a cabeça. "Eu mal me lembro da minha mãe. Ela estava sempre longe com meu pai em algum lugar. Nós nunca chegamos a nos conhecer realmente. Não como o meu avô, de qualquer forma. Ele é o meu melhor amigo”.

"Eu gostaria de conhecê-lo quando formos para casa”, ele disse sinceramente. "Ele deve ser um sujeito especial”.

"Ele é”. Ela observou os olhos mornos e cinzas dele. "Assim como você”, ela acrescentou suavemente.

Os olhos dele estavam sorrindo agora, assim como a boca. Ele olhou o corredor atentamente e então se curvou e a beijou mais uma vez, breve e ternamente. "Eu te levarei para jantar quando eles abrirem o restaurante”, ele disse. "Vista algo bonito”.

Ela riu desinibidamente. "Terá que ser isto”, ela indicou seu terninho bege. "Eu não trouxe um vestido”.

Ele ergueu uma sobrancelha. "Veste quarenta?".

Ela ofegou. "Seu devasso!", ela o acusou.

Ele encolheu os ombros. "O que eu posso dizer? Passei muitos anos como um playboy. Ache que conhecer medidas é apenas uma das facetas do meu enorme conhecimento”. Ele deu seu um sorriso provocante. "Eu farei eles enviarem algo”.

"Olhe aqui, você não pode comprar roupas para mim", ela disse de uma vez. "As pessoas pensarão que eu sou uma mulher que se vende!".

"Ninguém, em qualquer lugar, poderia olhar para você e pensar isto", ele disse categoricamente. "Você não tem a aparência de uma amante".

"Que aparência?".

"Sofisticação", ele disse. "Não é tão atraente quanto às revistas fazem parecer. É artificial e frio". Ele observou os olhos dela. "Você é quente, como um fogo de uma lareira em uma noite fria e chuvosa".

As sobrancelhas dela se elevaram.

"Muito clichê?", ele perguntou ao mostrar um flash de dentes brancos. "Eu trabalharei na minha abordagem antes do jantar. Considere o vestido como um empréstimo, um suporte. Nós não queremos que as pessoas pensem que nós estávamos seguindo um assassino, não é? Afinal, nós não temos nenhuma credencial ou permissão para interferir no caso".

"Ela é sua mãe", ela disse tranquilamente. "Você tem todo o direito".

Ele deslizou o dedo no nariz pequeno e reto dela. "Ainda vai sujá-la na imprensa?".

"Não seja tolo", ela respondeu. "Eu só quero dizer a verdade".

"Seu editor não vai gostar disto".

"Algum editor, em algum lugar, irá", ela disse. "A integridade é e deveria ser parte de todo sistema jornalístico. Eu não caluniarei ninguém por uma história".

"Não é à toa que eu gosto de você".

Ele beijou a ponta do nariz dela, virou-se e saiu andando no corredor.

Ela o viu ir com emoções misturadas. Ela sabia que ele tinha sido um playboy, que sabia tudo o que havia para saber sobre mulheres. Mas ele era atraente e sensível e tinha um senso de humor maravilhoso, embora estivesse preocupado com a própria mãe. Aquela preocupação era tão atraente quanto seu sorriso e charme. Ele realmente se importava com Tansy, e estava disposto a se arriscar para salvá-la. Não era nenhuma maravilha as mulheres se jogarem sobre ele. Ela estava à beira de fazer isso também.

Ela destrancou a porta com o cartão chave e entrou. E quando fechou a porta atrás de si, uma figura obscura se levantou do sofá na suíte e foi na direção dela.

Capítulo 4

"Quem é você?", Delia perguntou de uma vez, a mão parada na maçaneta.

O homem chegou mais perto. Ele tinha os cabelos e olhos escuros e parecia ser estrangeiro. Ele deitou a cabeça para um lado e a estudou, do pequeno cabelo loiro ondulado até os pés pequenos. "Eu farei as perguntas", ele disse. "Por que você está procurando por Tansy Deverell?".

Ela hesitou. "Como você sabe que estou?".

"Você chegou esta manhã com Christopher Deverell. Eu o conheço, e conheço a posição dele na história—ela é a mãe dele. Mas eu não sei a sua".

"Eu sou uma jornalista", ela disse. "Eu terei uma entrevista exclusiva se conseguir achá-la".

Ele a estudou com olhos estreitos por vários segundos. "Eu fiz um pouco de pesquisa sobre você e Deverell antes de vir. O marido de Tansy Deverell—e pai de seus dois filhos—estava no Marrocos durante a Segunda Guerra Mundial", ele disse. "Ele salvou a vida de um jovem árabe que estava espionando para a resistência francesa".

"Isso é muito interessante, mas o que tem a ver com Tansy?", ela perguntou.

Ele se moveu para a luz, e ela pôde ver a aparência estrangeira dele. "Aquele jovem árabe era meu avô", ele disse. "Ordinariamente eu não fico me misturado em casos de grande evidência, e Deverell não teria dinheiro suficiente para comprar a minha ajuda. Mas eu pegarei o caso por causa do pai de Deverell. Eu devo um favor à família".

"Quem é você?", ela perguntou tardiamente.

"Oh, você pode me chamar Seth", ele respondeu negligentemente.

As sobrancelhas dela arquearam. "O senhor Bainbridge nos falou sobre você".

"Não muito, eu aposto". Ele recuou até o telefone e com uma economia de gestos, graciosamente, ergueu o telefone e ligou para Chris. "Estou no quarto de Delia", ele disse quando Chris respondeu. E desligou o telefone.

Chris não levou nem dois minutos para percorrer a distância entre os quartos. Ele foi admitido rapidamente, e observou Seth minuciosamente enquanto segurava a pequena mão de Delia.

Seth notou a atitude protetora e sorriu. "Ela estava perfeitamente segura", ele assegurou Chris. "Eu nunca machuco mulheres".

"Por que você veio até ela, e não até mim?", Chris quis saber.

"Eu não te conheço pessoalmente. Mas sei sobre você", ele respondeu com um sorriso lânguido. "E eu conheço seu pai", ele respondeu. "Ele salvou a vida do meu avô durante a Segunda Guerra Mundial. "Mundo pequeno".

"Muito", Chris concordou.

Seth se moveu no quarto até uma bandeja que estava na mesa próxima à janela.

"Eu pedi chá de luxo. Sirvam-se".

Eles se juntaram a ele à mesa, cautelosamente.

Ele se sentou novamente com um bolinho em uma mão e uma xícara de chá na outra, estudando-os enquanto sorvia seu próprio chá.

"Isto é ruim para você", ele observou. "Açúcar é a maldição do século vinte. Calorias inúteis".

"A vida sem açúcar não tem graça nenhuma", Delia disse com um sorriso. "Desculpe".

Ele deu uma olhada rápida para Chris enquanto bebia o chá. "Sua mãe está como refém de alguns camaradas do Tony Cartwright", Seth disse abruptamente. "Eles a colocaram em uma garagem na estrada de Manchester, e acabaram se tornando fugitivos desesperados. A senhora Harvey fez um pedido de conferência com a imprensa acampada do lado de fora do solar, há vinte minutos, para culpar publicamente Tony do assassinato. A história é que Tony matou e roubou o velho homem e então planejou dizer que ela tinha feito isto porque o marido iria divorciar-se dela, e ela perderia a herança com isso. Tony ficou sabendo disto e pegou Tansy, que tem amigos em círculos altos na Grã-Bretanha, para usá-la como refém. Eles planejam entregá-la à polícia assim que receberem um avião para voarem para fora do país".

Chris xingou por sob a respiração. "A polícia sabe sobre isto?".

"Não ainda", Seth disse facilmente. "Mas eles têm acesso às mesmas fontes que eu costumava ter para conseguir as informações e descobrirão o que Tony é, e muito em breve.

Enquanto isso, a senhora Harvey, tendo se livrado do marido e do amante avaro está ocupada fazendo planos de esconder sua herança em contas bancárias suíças antes de poder desfrutá-la”.

"E quanto ao imposto sobre a herança? Com certeza ela usa bancos”, Chris protestou.

"Ela usa—bancos nas Bahamas. Uma lady esperta, que não dá ponto sem nó, exceto com a Tansy, e ela organizou as coisas de tal forma que Tony e que cuidará dela”. Ele terminou o bolinho e se debruçou para frente abruptamente com a xícara nas mãos. "Você sabe que eles a matarão quando conseguirem o que querem, não sabe? Esse tipo de gente não se arrisca”.

Chris já achava isto. Seu rosto tinha linhas horrendas. "Malditos”, ele disse com uma meia voz profunda e baixa. "Eu nunca enganei ou ameacei alguém para chegar onde estou, e eu não herdei tanto assim”.

Seth concordou com a cabeça. "Eu sei”. Ele frisou os lábios e estudou o homem mais jovem silenciosamente. Ele parecia firme. Seus olhos eram como carvões negros. "Posso dizer tudo isso à polícia, inclusive onde achar Tansy, se é isso o que você quer”.

Chris olhou fixamente para ele no mesmo nível. "Há uma alternativa”, ele adivinhou.

Seth anuiu com a cabeça. "Eu mesmo, dois homens, você e Delia”.

Chris deu uma olhada rápida para Delia. "Eu irei. Ela não deve ir. Essa não é uma luta dela”.

Ela deu a ele sua melhor encarada. "Eu vou”, disse brevemente. "Seria a melhor história que eu já escrevi!".

"Talvez a última, também”, Chris disse. Ele não gostava de pensar em Delia em perigo.

"Diga a ele que eu posso ir”, Delia disse para Seth.

Seth encolheu os ombros. "Você pode ir, eu não me importo. Você dois farão o trabalho de campo enquanto eu armo o plano”.

"Você vai atirar em alguém?", Delia perguntou.

"Isto vai depender dos capturadores. Se eles atirarem, nós atiraremos em resposta”, ele disse conclusivo. "Eu não vou arriscar a vida dos meus homens”.

"Eu achava que as pessoas na Inglaterra não pudessem ter permissão para carregar armas de fogo”, Delia assinalou.

"A maioria das pessoas não tem. Apenas uma parte das pessoas na polícia e de outras agências tem”. Ele encontrou o olhar sério de Chris.

"Compensarei usando gente direita ao entrar", ele disse. "Eu não sou um bandido, no caso de ser isso o que você esteja pensando. Eu sempre trabalho dentro da lei, na medida do possível. Especialmente neste país”, ele acrescentou com um sorriso.

"Certo então. Delia e eu faremos o que quer que você precise. Diga seu preço”, Chris disse. "Eu hipotecarei tudo o que possuo se isso for trazer Tansy de volta”.

O outro homem o estudou como se ele fosse um espécime de jardim zoológico. "Isto é incomum estes dias, sabe?", ele perguntou. "A maioria das pessoas prefere ter o dinheiro”.

"Tansy vale o próprio peso em ouro”, Chris disse simplesmente. "Ainda que seja uma dor de cabeça de vez em quando”. Ele riu suavemente. "Pelo menos ela nunca é chata”.

Seth riu. Ele abaixou a xícara e se levantou. "Foi um prazer. Eu entrarei em contato assim que resolver as coisas. Fique perto do hotel na manhã seguinte. Vou arrumar algumas coisas e contatar meus homens”.

"Certo. Mas e quanto ao pagamento?", Chris perguntou.

"O resgate, você quer dizer?".

Chris fez uma carranca. "Isto, também, mas eu quis dizer o seu pagamento".

"Oh, isto. Eu me conformo com um chá de classe no Ritz, se for conveniente para você", ele disse. "Sem economizar no creme e na manteiga, também", ele acrescentou com um dedo erguido. "De primeira classe".

Chris olhou para o homem como se ele fosse louco. "Chá de classe?".

Seth encolheu os ombros. "Eu amo chá. Nunca me canso. E já tenho mais dinheiro do que gostaria de ter". Ele deu uma olhada rápida para Delia e sorriu. "Ultimamente eu só pego casos quando eles me interessam. Você é atraente".

"Obrigada", ela disse corando.

Ele suspirou. "Eu amo loiras", ele murmurou. Ele deu uma olhada rápida para Chris estranhamente. "Pena ela não ter me visto primeiro". Ele fez um aceno com a cabeça e saiu do quarto tão silenciosamente quanto um sopro de brisa.

"Que homem mais estranho", Delia exclamou quando ele se foi.

"Eu espero que possamos confiar com ele", Chris murmurou. "Embora eu realmente não veja nenhuma outra escolha para nós. A segurança de Tansy tem que ser a minha primeira preocupação".

"O que você supõe que ele nos pedirá para fazer?", ela se perguntou.

Ele se levantou e foi até a janela, olhando fixamente para a rua movimentada abaixo. "Suponho que ele vai querer que a gente vá ao esconderijo fingindo ser um casal de turistas perdidos. Talvez dê certo. Enquanto nós os distraímos na porta da frente, ele e seus homens podem entrar pelos fundos".

Delia se debruçou para frente e apoiou os antebraços nos joelhos. "Eu não consigo acreditar que as pessoas façam algo assim tão horrível por causa de dinheiro".

"Eles não poderiam, ordinariamente. A senhora Harvey parece estar jogando de ambos os lados. Não há nenhuma honra entre esses ladrões, pelo que vejo". Ele se voltou para ela. "Odeio pensar em Tansy nessas mãos".

"Eu sei". Ela se levantou e foi até ele, os olhos cinza suaves e compassivos encontraram os dele. "Mas ela esteve no meio de vários problemas ao longo dos anos. Se alguém pode dar a volta por cima, é a sua mãe. Estes sujeitos são amadores. Sua mãe é uma desordeira profissional".

Ele forçou um sorriso. "Sim, ela é. Mas esse é um tipo novo de situação, até para ela. Ela é diabética", ele acrescentou preocupado. "Eu não sei se ela tem comprimidos de insulina com ela".

"Ela não toma injeção de insulina?".

Ele agitou a cabeça. "Durante algum tempo ela até não teve que tomar pílulas, mas não deixa o açúcar de lado. Problemas emocionais brincam com o nível de açúcar dela, e ela não está comendo corretamente, com certeza". Ele bateu um punho contra a palma da outra mão. "Eu queria ter a minha mão sobre aqueles sujeitos por cinco minutos".

"Nós vamos soltá-la", ela disse firmemente. "Você tem que pensar positivamente".

Ele olhou para ela abaixo com olhos pretos divertidos. "Você é um tônico", ele murmurou. "Um verdadeiro tônico".

Ela sorriu. "Obrigada".

Ele estendeu a mão e tocou o cabelo loiro ondulado dela ligeiramente. "Eu ainda não te agradeci por ter me deixado te arrastar para isso". Ele ficou sério de uma vez. "Escute, se

parecer que vai ficar perigoso, eu te quero fora disto. Eu não arriscarei a sua vida, mesmo para salvar a da Tansy".

Ela ficou inesperadamente surpresa, e comovida coma a preocupação dele. Ela observou seu rosto silenciosamente. "Você pode não acreditar, mas eu posso cuidar de mim mesma".

"Não se houverem balas", ele a assegurou.

Ela ergueu as sobrancelhas finas. "Você já atirou?".

"Várias vezes", ele disse voluntariamente.

"No exército?".

Ele agitou a cabeça.

"Como, então?".

"Eu fui, durante um tempo curto, mercenário", ele confiou. "Durante a minha mocidade selvagem, logo depois que eu saí do serviço. Eu estava na frente da Tempestade do Deserto. O único serviço que eu vi era na Alemanha, onde bati tantas boates quanto pude. Depois que saí, me encontrei com alguns soldados de carreira que tinham sido contratados para um pequeno trabalho na África. E eu fui junto". Ele agitou a cabeça. "Um gosto da vida foi o bastante para me convencer de que ela não merecia o preço que exigia. Eu vi coisas que jamais serei capaz de esquecer. Quando voltei para casa, fiquei descontrolado por um tempo. A vida de repente se tornou curta, e eu estava determinado a ter prazer a cada segundo do meu dia".

Isso a lembrou do playboy que ele deveria ter sido um dia. "Você não se importava muito com a vida até então, não é?", ela perguntou astutamente.

Ele encolheu os ombros. "Para falar a verdade não", ele concordou. "Eu não pensava muito à frente". Os olhos dele estavam refletivos enquanto desviava olhar para fora da janela. "Olhando para trás, parece que eu não tinha muito apego com as coisas importantes, até a África. Eu vivia cada dia, tinha vida social ativa à noite e uma vida de trabalho ocupada durante o dia. Se não tivesse passado por um naufrágio, talvez nunca tivesse saído daquele caminho".

"Eu sinto muito por ter sido necessário um naufrágio para te fazer despertar".

Ele suspirou. "Somos dois". Ele pôs as mãos nos bolsos e começou a sacolejar algumas moedas. "Bem, nós teremos que ficar presos no hotel amanhã. O que você gostaria de fazer para passar o tempo?".

"Nós podíamos investigar as instalações do ginásio", ela ofereceu. "E eu notei do elevador que eles têm clínicas para os visitantes".

"Eu já tive terapia física o suficiente depois do naufrágio", ele disse. "Eu passo".

"Eles têm uma piscina", ela disse.

Ele pareceu desconfortável. "Eu não nado".

Ela fez uma carranca para ele. "Você está apenas dando desculpas. Eu sei que você nada como um peixe. Você passou um mês na vila daquela atriz italiana em Roma e nadou com ela o dia todo".

Os olhos pretos dele relampejaram. "Sim. Eu fiz isso. Mas foi antes do naufrágio".

"Você quer dizer que não pode nadar por causa dos danos?", ela perguntou perplexa.

"Eu não posso nadar por causa das cicatrizes", ele disse por entre os dentes. "O naufrágio foi tão ruim que o carro teve que ser cortado para poderem me tirar". Ele acrescentou, "como mencionei antes, eu tive danos internos e externos, e há um corte no meu estômago e na parte superior da coxa que eu não quero que ninguém veja".

Ela olhou para ele inquisitivamente. "Nem mesmo eu?".

Ele não tinha pensado nela vendo seus ferimentos. Delia não era como algumas mulheres que se virariam ou evitaram os olhos dele. Ela não ficaria intimidada por causa de algumas cicatrizes. Quando ela olhasse para ele, talvez nem as visse.

"Eu não uso roupa de banho desde o naufrágio", ele murmurou.

"Já é hora de você fazer isso. Algumas voltas na piscina farão bem a você". Ela riu amplamente para ele. "Você pode me ensinar a nadar".

"Você não sabe?", ele perguntou espantado.

Ela agitou a cabeça. "Não havia ninguém para me ensinar. Vovô também não sabe nadar".

"Você não tinha aulas quando estava na escola?".

"Claro. De todos os tipos. Menos natação".

"Você deveria aprender", ele disse seriamente. "Poderá salvar sua vida um dia".

"Então me ensine como".

"Eu não quero nadar com pessoas ao redor", ele disse se esquivando tenazmente.

"Certo. Vamos esperar até à noite, quando for hora de dormir", ela o persuadiu.

Ele olhava fixamente para ela, desconfortável. Mas não falou nada.

"Pense no assunto", ela acrescentou, e então mudou de tópico.

Eles tiveram uma ceia vagarosa no jantar. Sendo fiel às suas palavras, Chris comprou um vestido adorável para Delia que teve um enorme coquetel de camarão, seguido por Bife à Wellington com legumes cozidos e pães caseiros. A mesa das sobremesas era uma tentação. Ela se sentou e encarou as sobremesas por muito tempo antes de se decidir.

Chris a observava com encanto indisfarçado. Ela comia do mesmo modo que fazia tudo, sinceramente e sem inibição. Quando o café foi servido, ela se encostou à cadeira com um longo suspiro.

"A comida aqui é simplesmente deliciosa", ela disse fervorosamente. "Eu não consigo me lembrar de já ter comido qualquer coisa tão maravilhosa".

"Eu não consigo me lembrar de quando apreciei assistir uma mulher comer", ele murmurou secamente. "Ao longo dos anos, a maior parte das mulheres com quem saia, comiam como passarinhos".

Ela fez uma carranca. "Eu não vou comer brotos de feijão e tofu só para emagrecer", ela o informou. "Comida deveria ser um vício permitido".

"Especialmente na sua idade", ele concordou com uma risada.

"Você não é tão mais velho do que eu".

"Não cronologicamente", ele disse. "Mas você tem toda uma vida atrás de mim em outras coisas". Ele sorriu com puro cinismo. "Você ainda tem ilusões. Eu as perdi há anos".

"Eu desejo nunca perdê-las", ela murmurou enquanto brincava com o guardanapo. "Eu acho que uma pessoa pode fazer diferença no mundo".

"E eu conheço, com fatos, milhões de pessoas que tentaram e falharam".

Ela olhou para cima para os olhos dele. "Como você conseguiu ficar tão cínico?".

"Eu cresci no perigo", ele disse com uma dureza desconhecida. "Dá para se crescer bem rápido".

Ela observou os olhos pretos dele curiosamente. "Tansy foi casada cinco vezes, você disse".

Ele concordou com um gesto brusco de cabeça. "Nosso pai era muito mais velho do que ela. Tansy já tinha mais de quarenta quando eu nasci. Ninguém pensou que ela podia mais ficar grávida—especialmente Tansy".

"Ela era uma boa mãe?", ela perguntou.

Ele encolheu os ombros. "Ela não estava muito por perto. Tenho uma lânguida memória de quando papai era vivo, e de como ele a levava junto para a maioria dos lugares que ia a negócios. Eles passavam bastante tempo na Espanha com os parentes ricos dele, ou na Inglaterra com os parentes dela. Logan e eu fomos praticamente criados com um batalhão de sucessivas empregadas e governantas".

"Seu irmão é como você?".

"Oh, não", ele disse com um sorriso. "Logan é o sério. Ele era sempre o responsável e amadurecido. Eu era o bagunceiro. Talvez seja por isso que Tansy e eu nos damos tão bem. Ela se viu em mim". Os olhos dele escureceram. "Depois que papai morreu ela ficou descontrolada. Ela estava sempre saindo e alegre, mas colecionou e descartou homens como guardanapos de papel. Depois do último divórcio ela pareceu tomar gosto por criar escândalos. Não que eu possa jogar pedras", ele acrescentou em tom suave, sensual. "Eu fiz minha parte de manchetes de jornal, também".

"Ela deve ter gostado bastante do seu pai", Delia observou.

Ele fez uma carranca e então riu ocamente. "Surpreendente como você soube isto de cara. Levou anos para que eu entendesse isto".

Ocorreu a ela que muitos dos padrastos dele poderiam não ter gostado de ganhar uma família pronta. "Os padrastos, eram muito difíceis de lidar?".

Ele concordou com a cabeça. "Para mim, mais que para Logan. Quando Tansy recasou, Logan já estava morando sozinho. Eu não. E eventualmente Tansy decidiu que uma escola militar seria exatamente o que o médico tinha ordenado. Eu gostei de lá, mas fiquei ressentido demais com Tansy para ficar lá. Eu saí de navio depois do primeiro ano e acabei na Espanha com um dos irmãos do meu pai. Tansy me deixou só. Eventualmente eu vaguei de volta para os Estados, na hora certa de me registrar para o alistamento. Até lá, o exército pareceu uma escolha tão boa quanto qualquer outra, então eu me alistei".

"Ninguém pode dizer que sua vida não tenha sido interessante", ela assinalou.

Ele riu. "Tem sido inútil, na maior parte", ele respondeu. "Só recentemente que eu tenho sentido a minha idade. Ganhar dinheiro é bom, mas eu quero fazer qualquer outra coisa". Seus olhos tinham uma aparência distante. "Eu quero construir iates. Correr neles. Tem sido um sonho meu por anos, mas nunca me senti obrigado a tentar. Depois de passar o verão na Espanha este ano, quase decidi. Meu amigo que compete na Copa América se ofereceu para fazer sociedade comigo. E eu estou muito tentado".

"Você devia seguir seus sonhos", ela disse seriamente.

Ele observou o rosto dela. "Sabe, eu estou começando a pensar que tenho poucos deles sobrando".

Ela sorriu. "Fico contente".

A piscina, como Delia tinha imaginado, estava deserta tarde da noite. Já que Chris não tinha um calção de banho, teve que comprar um—mas ele era antiquado, preto com faixas brancas e longo como um calção de pugilista. Apesar das cicatrizes que o deixavam tão tímido, ele ficava bem de calção de banho. Seu bronzeado azeitonado natural fazia seus olhos

e cabelos parecerem muito mais escuros do que realmente eram, e seu corpo era musculoso sem ser exagerado. Delia o achava excitante e teve que se forçar a não encará-lo.

Ela usava um maiô amarelo claro que esboçava seus contornos e a deixava muito bem.

"Nada mau, senhorita Larson", Chris falou lentamente, dando sua avaliação sensual que fez os joelhos dela parecerem fracos. "Nada mau mesmo".

"Eu poderia dizer a mesma coisa", ela murmurou com um sorriso tímido.

Ele se moveu para mais perto, de forma que ela pudesse ver suas cicatrizes brancas e finas que riscavam seu abdômen e o que ela podia ver de suas coxas. "É mesmo?", ele perguntou com cinismo lânguido.

"Se você acha que algumas cicatrizes te afastariam das mulheres, está viajando", ela disse categoricamente. "Você está devastador".

Ele riu. "Sendo direta, e eu que pensava que você era tímida".

"Eu sou, na maioria das vezes. Mas você está criando um problema que não existe", ela acrescentou. "As cicatrizes se enfraqueceram tanto que tem que se olhar de perto para vê-las". Ela observou os olhos dele. "E também não é perceptível que você só tem a vista em um olho", ela murmurou. "Eu sinto muito sobre o naufrágio. Mas você ainda é o homem que era, não é?".

Ele se moveu para mais perto. "Será que sou? Vamos ver".

Antes que ela pudesse decidir se ele estava ou não provocando, ele se curvou, ergueu-a do chão azulejado e a segurou contra seu corpo morno.

Ela agarrou os ombros firmes dele. "Você não vai me jogar, vai?", ela perguntou preocupada enquanto ele se movia para perto da borda.

"Eu estava pensando nisso", ele confessou.

"Eu tenho medo de lugar fundo", ela disse a ele.

"Certo". Ele a abaixou nos degraus que levavam até o fundo da piscina. "Vá ao seu ritmo".

Ela sorriu. "Obrigada".

Ela entrou na água fria, sentindo-a absorvê-la como uma seda molhada. Ela suspirou e abriu os braços, gostando do toque em seu corpo, mas ainda assim com os pés firmes no chão.

Chris se moveu para perto, ergueu os braços dela e os colocou em volta de seu pescoço. "Eu não deixarei você se afogar", ele prometeu, e foi para um pouco mais fundo na água. "Você é uma pessoa simples, não é?", ele perguntou tranquilamente. "E sexy".

Ela riu nervosamente. "Ninguém nunca tinha me dito isto antes!".

Ele não sorriu. Os olhos estavam fixos nos dela enquanto parava na afundado na altura do ombro, segurando-a ligeiramente pela cintura para que assim ela não afundasse. "Estou certo de que você nunca se deu muita oportunidade de descobrir isso. É pura perda de controle deixar seus sentidos vagarem livres". Ele a trouxe mais perto. "Mas já é hora de você aprender o quanto é atraente".

"Eu não…"

A boca dele cobriu a dela, parando as palavras em sua garganta. Ela tinha sido beijada antes, mas com Chris era uma experiência totalmente nova. Ele mordiscou os lábios dela, provocou com a língua, saboreou-os até que eles se separaram e começaram a responder timidamente à insistência preguiçosa da boca morna e firme dele.

Ela fez um esforço fraco para se salvar, empurrando suavemente os ombros largos dele, mas ele não parou. O que ele fez foi se tornar mais exigente. Com um gemido suave, severo, as mãos dele apertaram os quadris dela e a puxaram firmemente, encontrando-se com os

contornos despertados do corpo dele. Ele manteve o beijo, deixando–o um pouco voraz e assustador.

Delia clamou suavemente quando as mãos dele se tornavam evasivas, provocando sob o elástico das pernas dela para achar a pele suave das coxas e quadris.

Ele ergueu a boca. Os olhos eram negros e a respiração não era muito normal. As mãos dele subiram pelas coxas dela, sem parar, até chegar aos seios empinados e firmes dela.

"Chris…!", ela disse com voz abafada.

Os dedos polegar e indicador dele testaram a firmeza de um mamilo pequeno enquanto ele observava os olhos chocados dela. Ele se curvou e a beijou ao mesmo tempo em que sua mão deslizava dentro do fundo decote V do maiô e achou a pele nua suave dela. O outro braço a colou contra o corpo despertado dele.

Delia estava voando. Ela sabia que, mesmo que vivesse cem anos, nunca haveria outro momento como esse, outro homem como esse. Ele tinha experiência, mas não era o jeito dele com mulheres que a atraía. Era tudo nele.

O som de vozes os separou, relutantemente. Ele recuou as mãos discretamente para a cintura dela e as manteve lá, lutando para respirar, enquanto várias pessoas chegavam à área da piscina e colocavam toalhas e bebidas nas mesas próximas.

"O que você fará", ele perguntou suavemente, "se eu sugerir que nós voltemos para meu quarto e terminemos o que começamos?".

Ela sorriu. "Em vez disso, eu sugeriria que você me ensinasse a nadar".

Ele riu. "Como eu suspeitei. Você acaba com os meus sonhos, sabia?", ele murmurou. "Eu não vou conseguir dormir".

"Você vai, se ficar cansado o suficiente", ela o assegurou. Ela recuou um pouco. "Vamos. Venha me ensinar".

"Isto não é o que eu quero ensinar a você, sua pequena bruxa loira", ele murmurou.

Ela riu amplamente. "Certo! Apenas pense que eu poderia chegar até as Olimpíadas, e você poderia dizer a todo mundo que foi você quem me ensinou tudo o que eu sei".

Ele deu um suspiro longo, saudoso. "Certo, você ganhou". Ele agitou a cabeça enquanto olhava para ela.

"Que belo potencial".

Ela fez uma careta para ele. "Natação. Ensine-me a nadar".

"Você acreditaria se eu dissesse que você é a primeira mulher a me rechaçar?".

"Há uma primeira vez para tudo", ela o assegurou.

Ele agitou a cabeça e se moveu para trás dela. "Nós começaremos com a flutuação", ele disse. "Isso te dará confiança na água".

Não foi assim, a princípio. Mas enquanto eles continuavam, ela começou a se sentir menos intimidada pela água profunda abaixo dela. A piscina estava iluminada por vários postes longos que a circundavam. Chris parecia relaxado e contente com a companhia dela. Uma morena magnífica na festa se aproximou e tentou paquerar com ele. Para a surpresa de Delia, ele deu um corte nela tão abrupto e firme que ela não tentou se aproximar novamente.

Enquanto eles subiam no elevador para seus quartos, Delia o estudou através das dobras de seu robe com olhos curiosos.

"Ela era magnífica, sabe", ela disse a ele.

Ele olhou nos olhos dela. "Você é magnífica", ele respondeu, e não estava brincando. "Por dentro e por fora. Depois de você, eu não sei como poderia olhar para outra mulher".

A respiração dela ficou presa. "Isto não é súbito?".

Ele anuiu com a cabeça. "É como um raio. Ele não é visto. Mas quando cai, muda a vida".

"Muda, como?", ela perguntou indecisa.

"Eu ainda não estou certo". Ele estudou o rosto oval dela tranquilamente. "Eu não entraria na água se você não tivesse insistido", ele disse. "Estou contente por você ter feito isso. Eu não pareço tão mal quanto tinha pensado, aparentemente".

"Claro que não", ela falou brincalhona. "Você ainda é devastador para as mulheres, com cicatrizes e tudo".

"Eu notei", ele respondeu com um olhar para o corpo dela que dizia tudo.

Ela se sentiu intranquila. "Você não está bravo?".

As sobrancelhas dela se ergueram. "Com o quê?".

"Comigo, por eu não querer voltar para o seu quarto com você".

Ele apenas sorriu. "Eu estou desapontado. Mas não estou bravo". O elevador parou e ele segurou a mão dela até que eles chegarem à porta do quarto dela. Ele se virou para encará-la quando ela inseriu o cartão-chave na porta e a abriu. "Eu gosto de como você é, Delia", ele disse. "Com os seus pontos antiquados e tal".

"Eu fico contente".

Ele se curvou e suavemente a beijou. "Tenha um bom sono. Eu tenho o pressentimento de que nós vamos entrar de ponta-cabeça na confusão amanhã".

"Você, também", ela disse. Ela esticou o braço e tirou uma mecha de cabelo escuro da testa dele. O coração dela estava nos olhos. "Você precisa de alguém para cuidar de você", ela disse tranquilamente. "Você não cuida de si mesmo".

Os dedos dele tocaram a bochecha dela. "Você poderia fazer esse trabalho", ele disse suavemente. "A vaga está aberta".

Ela sorriu. "Eu pensarei sobre isto. Boa noite. Durma bem".

"Você, também".

Ele deu um longo último olhar antes de sair pelo corredor com seu próprio robe, parecendo tão elegante quanto se estivesse usando um terno. Delia o observou até que ele estivesse fora da vista. Ela percebeu que estava apaixonada por ele.

Capítulo 5

O dia amanheceu chuvoso e sombrio. Delia pediu café da manhã no quarto e se sentou sozinha para comê-lo. Ela ainda estava deliciada pela noite anterior e ansiosa para ver Chris, ver se ele se lamentava de até aonde eles tinham ido à noite anterior.

Ele tocou a campainha quando ela estava tomando a segunda xícara de café. Ela se levantou para atender a porta. Os olhos escuros dele aprovaram o terno amarelo suave que ela estava usando com uma blusa branca de rendas e sapatos brancos de salto alto.

"Você parece elegante", ele brincou.

Ela gostou do modo como ele ficava com a calça comprida e uma jaqueta da marinha com uma blusa de manga rolê. "Assim como você", ela respondeu.

Ele fechou a porta atrás de si e a trouxe para perto, curvando-se para beijá-la com um calor tenro. "Bom dia", ele sussurrou.

"Bom dia”. Ela abaixou a cabeça dele e o beijou de volta, derretendo de encontro ao corpo alto e firme dele com prazer óbvio.

"De manhã é sempre a melhor hora”, ele murmurou contra os lábios dela.

"É mesmo?".

Ele envolveu o corpo dela, amando o tamanho pequeno dela em seus braços, o modo como ela se agarrava a ele. "Eu evitei compromisso toda a minha vida”, ele disse em uma orelha dela. "Creia que eu não iria deixar uma pequena e magnífica loira valsar no meu lado cego”.

"Eu não sou magnífica”.

"Você é magnífica”. Ele a segurou bem apertado. "Não pense que você vai se livrar de mim quando essa situação toda estiver terminada”, ele observou, sentindo o coração dela saltar com a declaração. "Eu serei tenaz”.

"Que pensamento adorável”, ela ronronou.

Ele retraiu uma respiração longa. "Eu suponho que vai ter que ser flores de laranjeira e rendas brancas, afinal”, ele disse. "Você será uma visão de branco”.

"Você está me pedindo em casamento?", ela gritou.

"Claro”.

Ela recuou. "Nós não nos conhecemos!".

"Nós vamos nos casar e começar daí”. Ele observou os olhos suaves dela. "Nós nos gostamos, nos sentimos atraídos um pelo outro, e temos velhas enxaquecas de idade avançada para cuidar”. Ele encolheu os ombros. "É mais do que muitos casais têm para começar. Onde está seu senso de aventura? Você não se arrisca?".

Ela estava confusa. Ela tinha esperado qualquer coisa dele, exceto uma proposta. "Você teve tantas mulheres em sua vida…”

"E agora eu só quero uma. Você”. Ele estava totalmente sério. "Nós iremos ao seu ritmo. Mas no fim da estrada haverá flores de laranjeira e rendas. Para toda a vida”.

Ela sorriu devagar, sentindo como se mananciais de alegria estivessem se rebelando em seu coração. "Eu não consigo acreditar nisto”.

"Nem eu”, ele riu. "Mas é isto mesmo. Tudo que nós temos que fazer é salvar Tansy e embarcar com tudo”.

O rosto dela caiu. "Como eu poderei entrevistar minha futura sogra para uma entrevista?", ela perguntou de repente, horrorizada.

"Você será gentil com ela”, ele disse simplesmente. "Você é a melhor pessoa para fazer isto”. Ele suspirou. "Deus, eu espero que ela esteja bem. Eu mal dormi, de tão preocupado com ela”.

Na mesma hora que ele terminou a declaração, o telefone tocou. Ele passou por Delia e foi atendê-lo.

Ele escutou cuidadosamente, murmurou algo, e desligou.

"Seth”, ele explicou ao ver o olhar questionador dela. "Eu tenho o endereço. Nós somos recém-casados perdidos pedindo informações”. Ele sorriu amplamente. "Eu tinha dito a você que sei como os mercenários trabalham”. O sorriso dele enfraqueceu. "Você tem que fazer exatamente o que eu disser. Eu não te colocarei em risco, nem mesmo pela Tansy”.

Ela se aninhou contra ele durante alguns agradáveis segundos. "Eu não te deixarei sofrer riscos, também”, ela disse suavemente. "Vamos desejar que Seth saiba o que está fazendo”.

"Amém!".

O endereço ficava nos subúrbios de Londres e o apartamento parecia aos pedaços. Chris puxou Delia firmemente pela mão e a levou até a porta da frente. Havia uma campainha.

Ele a tocou. Não houve nenhuma resposta. Ele olhou para Delia, preocupada, e a tocou novamente.

A porta se abriu de repente. Um homem jovem em uma jaqueta de couro os observou por detrás dela.

"O que você quer?", ele exigiu saber.

Chris trouxe Delia para mais perto. "Nós somos da América", ele disse lentamente. "Acabamos de sair do aeroporto e estamos perdidos. Tentando achar um primo nosso, B… espere um segundo". Ele pegou um pedaço de papel do bolso e leu, "Billy Withers, 44 Truebridge Lane, Londres". Ele olhou ao redor. "Aqui é Truebridge, mas nós não conseguimos achar o número 44".

O homem parecia irritado e impaciente. "Essa rua não tem esse número!".

O rosto de Chris caiu. "Mas nós viemos de tão longe! Você tem certeza de que não tem nenhuma ideia?".

Houve um som de batida atrás do apartamento. O homem jovem fez uma carranca, girou para a direção de dentro do cômodo escuro. A mão foi até a jaqueta. Delia não viu Chris se mover, mas no minuto seguinte, o jovem estava no chão e Chris estava de pé em cima dele com uma arma automática. Ele tinha se armado com uma facilidade confiante e a apontava para o homem abaixado.

"Seth!", ele chamou ruidosamente.

Houve outra briga, outro som de impacto, e um rosto familiar apareceu no corredor.

"Maldição!", Seth exclamou quando viu o homem no chão. "Isso é que é trabalho limpo", ele murmurou, sorrindo amplamente enquanto se curvava para arrastar o jovem pelo chão. "Venha. Tansy está aqui".

"Ela está bem?", Chris perguntou depressa, pegando a mão fria de Delia com sua, então livre, mão.

"Ela está um pouco em crise, mas eu dei um pacote de glicose para ela. Está se recuperando".

Tansy estava sentada na extremidade de uma cama pequena e rota, chupando um pacote de glicose, parecendo cansada e quase derrotada. Ela olhou para cima e viu Chris, então repentinamente ficou com os olhos cheios de lágrimas.

Chris colocou a trava de gatilho na pistola e a jogou para um dos homens de Seth antes de se curvar para Tansy e abraça-la.

"Sua idiota!", ele murmurou na orelha dela, trazendo-a mais perto. "Por Deus, você nos deu um susto!".

"O que não é nada comparado ao que eu passei, meu querido", Tansy suspirou, agarrando-se ao filho. "Meus dias de viajante estão terminados. Definitivamente". Ela ergueu a cabeça. "Eles acharam o pobre Cecil?".

"Sim, logo após você ter desaparecido. Você tem estado aqui o tempo todo?", Chris perguntou.

Ela concordou com a cabeça. "Eles me pegaram e me mantiveram aqui até conseguiram pegar o dinheiro da senhora Harvey. Eu era uma testemunha e ela disse a eles para me manterem aqui como garantia até que ela pudesse juntar o dinheiro". Ela riu sem vontade. "Eu

percebi através daqueles estúpidos que ela os tinha abandonado e esperava que eles dessem um fim em mim. Eles decidiram que seria melhor ficar comigo, porque eu poderia complicá-la. Ela não sabe isto", ela acrescentou. "Mas eu estava usando um microfone quando ela confessou que ela e Tony Cartwright tinham planejado a morte do Cecil".

Seth de repente estava totalmente alerta. "O que aconteceu com a gravação?".

"Ele a tem". Ela apontou para o homem no chão.

Seth retirou uma faca de aparência sórdida. "Tire-as daqui", ele disse a Chris.

Chris moveu as mulheres para frente dele e olhou para trás, para o homem nervoso no chão, presumivelmente o tal do Tony. "Ele normalmente só toma um dedo. Para sua coleção", ele acrescentou com um sorriso frio. "No seu caso, pode ser um órgão. Um órgão vital. Se eu fosse você, diria o que ele quiser saber. Em todo caso, eu levarei as damas antes de você começar a gritar".

Eles estavam no próximo cômodo quando a porta se fechou e Tansy girou para ele. "Você gostou disto", ela acusou.

Ele deu um sorriso sinistro. "Sim, gostei. Depois do que ele fez com você, eu teria apreciado se pudesse fazer mais, mas acho que o nosso amigo, Seth, fará o que for necessário".

"O senhor Bainbridge, você quer dizer", ela corrigiu.

"Nós encontramos o senhor Bainbridge", Chris disse cuidadosamente. "Ele tem setenta anos".

"Ele tem sessenta e cinco anos", Tansy declarou. Ela virou a cabeça na direção da porta. "Ele é filho dele — seu único filho—um coronel da SAS que se aposentou no último ano. Agora ele é o que as agências secretas chamam de um problema a ser resolvido. Agradeça a Deus por ele ter vindo atrás de mim. Eu não acho que teria suportado mais um dia. Eu sou tão fraca, filho".

"Nós te levaremos para um hospital e você será examinada, somente para ter certeza de que está tudo bem", Chris disse.

Tansy estava olhando fixamente para o lado dele, para a pequena e bonita loira. "Quem é essa?".

"Delia Larson", ele apresentou. "Ela será eventualmente sua nora quando resolver acreditar que estou sério quanto a me casar com ela. Mas por ora, ela é uma repórter. Eu prometi a ela uma entrevista exclusiva sua se ela viesse a se casar comigo".

"Ela veio aqui junto com você?", Tansy franziu os lábios. Ela estava impressionada. "Menina valente".

Delia sorriu amplamente. "Somos duas, então. Estou contente por te conhecer, Sra. Deverell, e estou muito contente por termos chegado aqui a tempo!".

Tansy agitou a mão que tinha sido oferecida e sorriu amplamente. "Eu também querida". Ela ergueu ambas as sobrancelhas. "Você vai se casar com meu filho, não é?".

Delia suspirou. "Eu acho", ela brincou. "Claro, que ele pode mudar de ideia agora que nós estamos fora de perigo".

"Ele não irá", Chris falou lentamente.

"Ele é meu filho", Tansy disse. "Eu o ensinei a sempre cumprir sua palavra". Ela pareceu afundar. "Eu quero um bife", ela disse. "Batatas fritas e cerejas…"

"Nada de cerejas", Chris a informou.

Ela fez uma careta para ele. "Até a dieta mais rígida permite doce ocasionalmente".

"Não a sua".

"Ei, espere…"

Chris pôs um braço ao redor dela e a trouxe para perto. "Você pode comer mangas, bananas e cocos".

Ela suspirou. "Querido, você se lembra!".

"Como eu poderia me esquecer? A cozinha estava sempre cheia de mangas", ele disse a Delia. "Ela gosta de doces para sobremesas, mas frutas sempre foram as suas favoritas". Ele encarou Tansy. "Desta vez, você irá aonde poderá ser achada. Nada mais de aventura".

"Desmancha-prazeres!".

"Você podia ter morrido", ele replicou.

"Eventualmente todos nós morremos". Ela agitou a cabeça. "Pobre Cecil. Ele e eu éramos amigos há anos. Ele escreveu para mim e me convidou para visitá-lo. Eu ainda não conhecia sua nova esposa, então aceitei. Mas depois de ter ficado lá por alguns dias, percebi que ela não o amava e, além disso, era obcecada em botar as mãos na propriedade dele. Ele desapareceu uma noite, logo após aquele homem sombrio ter estado lá"—a cabeça dela acenou na direção da porta fechada—"para visitar a senhora Harvey. Ela me despertou na manhã seguinte e disse que Cecil estava morto e que eu era a principal suspeita, porque o testamento dele me deixava como testamenteira e principal beneficiária. Mentiras, claro, mas eu estava muito atordoada para questioná-la. Tony Cartwright me levou porta a fora para seu carro, e disse que me esconderia. Mas isso não foi o que ele fez. Ele e seus camaradas me trouxeram aqui e tamparam meu nariz e minha boca com clorofórmio. Quando acordei, estava presa naquele quarto". Ela sorriu esgotada. "Eu achei que nunca sairia viva. Eu os ouvi discutindo o quê fazer comigo depois que a lady foi ao público e acusou Tony de ter matado seu marido. Ele será a melhor testemunha no processo contra ela, a menos que eu erre minha suposição".

"Não sem aquela gravação da fita, ele não será", Chris disse sério. "Falando no diabo…"

Ele girou na direção da porta na mesma hora que Seth entrou, todo vestido de preto, com olhos frios.

Ele tinha algo na mão—um minúsculo gravador.

"A evidência!", Tansy exclamou.

Seth concordou com a cabeça. "Irrefutável. Decidi tornar Tony a própria testemunha do estado. Um dos meus homens está telefonando para a polícia agora mesmo. Eu vou escapar com meus homens antes que eles cheguem aqui". Ele pôs uma mão pesada no ombro de Chris. "Você é um herói. Eu me orgulho de você".

"Eu não fiz nada exceto desarmar um dos criminosos", Chris discutiu.

"Bem, eu com certeza não fiz nada", Seth observou arrogantemente. "Não sujaria minhas mãos com tal porcaria".

Tansy foi para Seth, ficou na ponta dos pés, e beijou sua bochecha magra. "Obrigada, querido".

Ele beijou as costas da mão dela calorosamente e sorriu. "Venha nos visitar novamente. Mas de um modo convencional desta vez, certo?".

"Comporte-se também", Tansy devolveu.

"Eu sou a discrição em pessoa", Seth a assegurou. Ele sorriu amplamente para Delia e deu uma olhada rápida para Chris, e de repente pegou Delia pela cintura, curvou as costas dela sobre seu braço, e a beijou com paixão exagerada.

Ele a levantou, ofegante e vermelha, e riu ampla e maldosamente. "Você devia ter me encontrado primeiro", ele repetiu. Ele acenou para os outros e foi se juntar aos seus homens, saindo secretamente pela porta dos fundos.

"Maldito canalha", Chris murmurou, olhando fixamente para Delia.

"Não se preocupe", Delia o assegurou enquanto arrumava o próprio cabelo. "Ele é muito bom—mas você é melhor".

A expressão de Chris se iluminou. "Sou, é?".

Ela riu amplamente. "Muito".

Tansy desatou a rir. "E isso responde àquela pergunta, não é, meu menino?", ela perguntou ao filho.

"Sim", ele concordou com um sorriso morno. "Suponho que sim".

Eles deram a fita com a gravação para os homens da polícia quando eles chegaram e prestaram declarações também. Tansy foi levada para o hospital para ser verificada. Eles a deixaram em observação durante a noite e Delia ficou no quarto com ela enquanto Chris acabava de resolver os detalhes da viagem, devolvia o carro de aluguel, e conseguia um lugar para Tansy no voo deles de volta ao Texas.

"Tem sido uma viagem muito excitante", Delia disse à mulher mais velha, "embora eu sinta muito pela provação que a senhora passou".

"Foi uma aventura, e vai melhorar cada vez que eu contar", Tansy a assegurou com uma risada travessa. "Você e eu vamos nos dar muito bem, querida. Eu posso dizer que nós duas somos o mesmo tipo de pessoa".

"Bem, não exatamente. Mas a senhora deveria conhecer o meu avô", ela disse à mulher mais velha. "Ele foi um correspondente de guerra".

"Correspondente de guerra?", Tansy fez uma carranca. "Seu sobrenome é Larson, não é? Seu avô é Herbert Larson da UPI?"

Delia piscou. "Sim, é".

"Deus do céu!".

"A senhora… o conhece?", Delia perguntou.

"Conheço!", Tansy prendeu a respiração e encostou as costas nos travesseiros. "Eu fico surpresa de ele ainda estar vivo, com as coisas arriscadas que ele fazia!".

"Você o conhece!", Delia exclamou.

"Há mais ou menos quarenta anos", Tansy disse, "nós tínhamos nos envolvido com revolucionários latino-americanos quando eu estava na América do Sul, logo após a morte do meu primeiro marido. Seu avô me levou ao aeroporto e me colocou num avião de volta para casa. Eu nunca encontrei um homem com tal coragem, tal fogo. Ele era… soberbo".

Delia sorriu. "Ele ainda é. Não fica mais viajando tanto, e sua visão não é mais como era, mas ele continua com tudo". Ela hesitou. "Ele é diabético, mas não desiste dos doces. Isso soa familiar, também, não é?", ela acrescentou.

Tansy corou. "Bem, bem".

"Ele e eu vivemos juntos", Delia continuou. Ela parou e fez uma carranca. "Oh, meu Deus".

"O que foi?".

"Eu não posso deixá-lo”, ela disse categoricamente, olhando fixamente para Tansy com olhos cinza preocupados e enormes.

"Ele morrerá se eu não estiver com ele para fazê-lo tomar seu remédio e mantê-lo longe do açucareiro!".

Tansy esticou a mão e tocou na mão dela sobre a colcha. "Case-se com Chris”, ela disse firmemente. "E deixe que eu me preocupe com o Herbert. Eu acho que posso ter uma solução para o seu problema”.

Delia não acreditou nela. Mas quando eles voltarem aos Estados, e acharam Herbert Larson sentado em uma cadeira próximo à entrada da multidão que chegava dos voos no aeroporto de Houston, ela começou a entender o que Tansy queria dizer.

O homem velho e digno, com cabelos prateados, se levantou enquanto os viajantes chegavam ao terminal do avião através do túnel coberto. Ele abriu os braços e uma Delia feliz jogou-se contra ele para ser firmemente abraçada e beijada. Tansy saiu atrás dela e parou enquanto o homem de idade avançada deixava Delia ir e ficava apenas olhando para ela. Ela estava segurando um braço de Chris, mas se soltou e se moveu lentamente em direção ao homem idoso.

Eles ficaram apenas se olhando durante um longo momento. "Você tem rugas”, Herbert disse abruptamente.

"Você tem pés chatos”, Tansy devolveu.

"Minha neta disse que vai se casar com o seu filho”.

"Pior para você se não gostar”, Tansy disse com raiva.

Ele encolheu os ombros. "Parece um rapaz agradável”, brincou, olhando para Chris com um sorriso lânguido. "Eu gosto disto. Delia precisa de alguém que cuide dela. Ela é muito suave para ser uma repórter”.

"Ela não é muito suave para ser uma repórter de assuntos políticos”, Tansy disse firmemente. "É o que ela mais gosta”.

"Ela vai gostar mais de ter crianças e criá-las”, Herbert Larson disse. "Ela é uma mulher caseira, como minha finada esposa era. Sem ficar viajando pelo mundo e entrando em perigos, com Martha, nada disso!".

"Bem, vamos deixar isso para a Santa Martha!", Tansy disse por entre os dentes.

Herbert ergueu uma sobrancelha e a estudou. "Ainda com ciúme depois de quarenta anos, hmm?", ele provocou.

"Delia disse que você não larga o açúcar”, Tansy observou, ignorando a pergunta dele.

“Ela disse a mesma coisa sobre você. Tentando morrer?", ele acusou abruptamente.

Tansy ficou escarlate. "Eu poderia fazer a mesma pergunta a você!".

Ele encolheu os ombros magros. "Eu pensei sobre isto. Não quero mais”. Os olhos dele se estreitaram.

"Eu acabei de achar uma nova diversão na vida. Você gosta de boates?".

Ela concordou com a cabeça aos arrancos.

"Gosta de dançar?".

Ela concordou com a cabeça novamente.

Ele franziu os lábios. “Talvez eu te dê um giro, se você fizer sua parte direito, te ensino a dançar um tango”.

"E você sabe?”.

"Eu ensinei Valentino a dançar”, ele alardeou.

"Você ainda usava fraldas quando Valentino morreu", ela o acusou.

"Se eu tivesse idade suficiente, teria ensinado a ele como dançar", ele disse com um sorriso. Ele foi adiante e tomou o braço dela. "Vamos, vovó. Eu te ajudarei a entrar no carro".

"Você sabe dirigir?", ela perguntou zombeteira.

"Não, mas eu contratei um homem que sabe. Nada é bom o suficiente para a minha neta".

Eles caminharam à frente dos outros, ainda discutindo. Chris trouxe Delia para seu lado. Caminhou, puxando a bagagem sobre rodas atrás.

"Acho que alguns dos nossos problemas estão resolvidos. Aparentemente, eles se conhecem".

Delia concordou com a cabeça. "E muito bem, pelo jeito. Os milagres nunca cessam".

"Eu espero que eles não se matem antes de nós nos casarmos".

Ela riu. "Oh, eu não acho que haja muito perigo quanto a isto". Ela deslizou a mão na dele, olhado-o com o coração inteiro nos olhos cinza suaves. "Eu não posso esperar para me casar com você", ela acrescentou em um sussurro ofegante.

Ele apertou a mão dela, firmemente. Os olhos escuros estavam expressivos no rosto dela. "Nem eu". Ele hesitou. "Você não se importa com as cicatrizes?".

Ela sorriu e se apertou contra ele. "Não seja tolo".

Os olhos dele se fecharam brevemente e seu braço foi ao redor dela, apertando-a quase dolorosamente. Era como ter todos os sonhos que ele tinha faltando se realizando de uma vez. Ele dificilmente conseguia suportar o sentimento que ela o fazia sentir por amá-lo.

"Eu te amo, Delia", ele disse firme.

Ela olhou para cima, para os olhos que a adoravam. "Eu te amo, também". Ela sorriu endiabradamente. "Quando que nós vamos nos casar?".

Ele observou as feições suaves dela calorosamente. "Assim que eu conseguir uma licença. Você não vai fugir de mim!".

Eles foram casados por um juiz da paz exatamente três dias depois, com Tansy e Herbert como testemunhas. O casal de idade avançada estava de mãos dadas, aparentemente tendo decidido que brigar era menos divertido do que tentar entender a personalidade do outro. Em um tempo relativamente curto, eles redescobriram o que tinham sentido um pelo outro, anos antes, e estavam inseparáveis.

Chris e Delia os levaram de volta ao apartamento de Herbert antes de se dirigirem ao aeroporto para pegarem o avião para a Espanha. Eles estavam indo para Málaga, nas orlas meridionais da Espanha, ao longo da Costa Del Sol, para uma lua de mel extensa. Delia, que tinha viajado pouco na vida, estava entusiástica quanto à aventura. Ela não podia esperar para chegar lá.

Quando eles chegaram e passaram pela checagem, tomaram um táxi para o hotel com vista para a praia branca maravilhosa e o mar azul. O hotel era de estuque branco com jardins cheio de flores desabrochadas. Era um sonho de lugar, com sacadas de ferro forjado e o cheiro do mar fresco e limpo.

"A Pedra de Gibraltar é muito perto", Chris disse a ela quando eles estavam instalados no quarto, "assim como o Marrocos. Nós poderíamos pegar um dia para explorar o souq—a área comercial".

Ela se virou da janela que levava para a parte de fora da sacada e olhou fixamente para ele cheia de desejo, embriagando-se com o corpo alto e magro dele em uma calça comprida branca e uma camisa vermelha com desenho vermelho em tricô. Ela estava usando um vestido de algodão solto, confortável, com pequenos laços no ombro e curto por causa do calor.

"Finalmente a sós", ela disse com um sorriso suave. As mãos foram até as alças do ombro e lentamente a soltaram, deixando o vestido cair até o chão. Debaixo disto, ela usava um conjuntinho branco de renda macia que enfatizava as curvas do seu corpo jovem.

Chris prendeu a respiração. Ele foi até ela, as mãos lentamente acariciando seus ombros.

"Você não quer jantar primeiro?", ele perguntou tranquilamente.

Ela agitou a cabeça. Os braços subiram e rodearam o pescoço dele. "Eu quero você primeiro", ela sussurrou, e abaixou a boca dele até a dela.

A paixão era explosiva. Ela sonhou em estar nos braços dele sem nenhum pano os separando, e aqui estava acontecendo, tão naturalmente que ela nem pensou em parecer envergonhada. Ele tirou a roupa dela junto com beijos suaves e breves que percorriam todo o comprimento do corpo dela, cada um mais sensual e provocador que o anterior.

Ela sabia que ele era experiente, mas até agora não sabia realmente o que era intimidade. Ele a despertou hábil e lentamente, dando a ela tempo, acalmando todos os medos secretos dela até que ela estava aturdida e estremecendo com o prazer que ele dava a ela.

Quando ele a trouxe cuidadosamente para debaixo dele e soltou o corpo em cima dela, ela estava ávida e totalmente sem medos ou reservas. Ela se ergueu para encontrar a estocadas lentas e sensuais que vinham de seu quadril e riu com prazer puro quando o flash minúsculo de dor que ele experimentou foi substituído abruptamente por sensações deliciosas que ondulavam dentro dela como ondas.

As mãos magras dele moviam, provocavam, ensinavam, enquanto a boca a devorava na tranquilidade do quarto fresco. Era um ritmo que ela não esperava. Eram novas sensações que ela estava sentindo em espasmos torrenciais de prazer que a subjugavam inesperadamente e a erguiam contra ele em uma febre de submissão.

Ela escondeu o rosto sob a garganta quente dele enquanto os espasmos a faziam se debater, torcendo-a sob o corpo exigente dele enquanto alcançava finalmente a fonte da realização que apenas ela provaria.

Ele a sentiu se enrijecer, e de uma vez, se dirigiu à sua própria satisfação, a boca firme contra o seio dela enquanto ele subia rapidamente às alturas junto com ela.

Quando ele desmoronou ao lado dela, ela ainda estava estremecendo, e rindo pelos pequenos choques de êxtase que continuavam e a mantinham exausta na cama.

"Então é assim", ela sussurrou, impressionada.

"Sim, é assim", ele sussurrou de volta. Ele sorriu e rolou para cima dela, o rosto úmido com suor, os olhos ardentes com carinho. "Valeu a pena esperar? Para mim, com certeza valeu!".

Ela riu e o puxou para baixo, de forma que ela pudesse beijá-lo com um entusiasmo preguiçoso. "Sim, valeu muito", ela murmurou. "Eu estou com sono".

"Eu também. Nós iremos cochilar um pouco e depois vamos ao restaurante de frutos do mar mais próximo".

"Eu amo frutos do mar", ela murmurou sonolenta.

"Eu, também".

Ele a trouxe mais perto e puxou o lençol para cobri-los, porque o quarto estava esfriando. O último pensamento que ele teve antes de cair no sono foi que a vida com Delia não seria o bastante…

Eles ligaram para Tansy e Herbert na manhã seguinte para entusiasmá-los sobre as imagens e sons da Espanha.

"Eu estou contente por vocês estarem se divertindo", Tansy disse com um tom de riso. "Quando vocês voltarem para casa, nós teremos outro casamento".

"O quê?", Chris gritou.

"Herbert me pediu em casamento", Tansy disse. "E desta vez eu aceitei".

Ele deu o telefone para Delia. "Você não vai acreditar nisto", ele disse a ela.

"O quê?", ela exclamou quando o avô lhe deu a notícia.

"Você nunca ouvi falar que as pessoas podem casar mais de uma vez?", Herbert perguntou com desgosto. "Por Deus, ela é maravilhosa. Não vou deixá-la ir embora de jeito nenhum!".

"Bem, parabéns vovô", Delia disse com carinho na voz. "Eu não podia ficar mais contente".

"Nem eu", Chris disse ruidosamente.

"Divirtam-se vocês dois. Tansy conhece um pequeno lugar no centro da cidade onde eles têm aquele peixe estranho Japonês. Não tenho a mínima ideia de como se chama. De qualquer maneira, nós vamos comer. Vocês crianças, divirtam-se. Converso com vocês logo. Adeus!".

Ele desligou. Delia deu uma olhada rápida para seu marido com uma carranca. "Eles estão indo a um lugar Japonês comer um peixe estranho".

Chris ficou pálido. "Não fugu. Por favor. Diga que não é fugu".

"O que é um fugu?".

Ele agarrou o telefone e ligou para o apartamento de Tansy. Herbert atendeu.

"Se você comer um fugu, eu contratarei um homem para fazer nada além de seguir os dois a qualquer lugar, em tempo integral, eu juro!", Chris disse severamente.

"Fugu? Você é maluco, filho?", Herbert suspirou. "Tansy, qual é o nome daquele peixe?"

"Sashimi", ela gritou de volta.

Chris ficou vermelho. "Oh", ele disse.

"Fugu, realmente. Ele pensou que nós iríamos comer fugu!", ele gritou para Tansy.

"Ele está em lua de mel, Herb, o que você esperava? Agora desligue e venha me ajudar a entrar neste vestido. Nós iremos nos atrasar para a nossa reserva!".

Chris riu até que Delia ficasse preocupada com ele. Quando ele disse a ela o que estava acontecendo no apartamento, ela apenas sorriu amplamente.

"Eles serão muito felizes juntos", ela disse.

"Cada um deles sozinho já era difícil. Você consegue imaginar os dois conspirando juntos?".

Delia fez uma careta. "Eu não tinha pensado nisto".

"Bem, não pense. De qualquer maneira, não agora". Ele a levantou e beijou suavemente. "Nós ainda temos seis dias da nossa lua de mel, e nós não vamos desperdiçar nem um minuto nos preocupando com eles".

"O que nós vamos fazer, então?", ela sussurrou maldosamente.

Ele riu enquanto se girava na direção da cama. "Eu estou contente por você ter perguntado…"

E ela também estava feliz.

Fim



<u>**Observações da Revisora Ana Mota:**</u>

Copa América

É a regata de maior prestígio e corrida de um contra um no esporte da navegação, e o troféu ativo mais antigo no esporte internacional, anterior às Olimpíadas Modernas em 45 anos. O esporte atrai marinheiros de alta qualidade e desenhistas de iate por causa da sua longa história de prestígio. Embora o aspecto mais importante da regata seja a corrida de iate, ela é também um teste sobre *design* de barco, desenho de vela, angariação de fundos e habilidades de gerência.

Câmara dos Lordes (House of Lords)

É a câmara alta do parlamento do Reino Unido. O Parlamento também inclui a coroa (rei ou rainha) e a Câmara dos Comuns. A Câmara dos Lordes tem 731 membros. Ela é um corpo não-eleito, formado por 2 arcebispos e 24 bispos da Igreja Anglicana (Lordes Espirituais), e 706 membros da nobreza (Lordes Temporais). Os Lordes Espirituais mantêm-se no cargo enquanto ocuparem suas funções eclesiásticas, enquanto os Lordes Temporais são vitalícios. Os membros da Casa dos Lordes são às vezes chamados Lordes Do Parlamento.

Standard Oil Company (1870–1911)

Foi a maior companhia de seu tempo, produzindo, transportando e refinando petróleo. Começou em Ohio e se transformou na maior empresa de petróleo do mundo. Numerosos concorrentes foram absorvidos, a produção aumentou e os preços se tornaram competitivos. A indústria do petróleo floresceu e a Standard Oil tornou-se a líder deste novo mercado, na verdade, um monopólio. No início da década de 1880, a Standard Oil e suas dependentes controlavam cerca de 90% das refinarias americanas, hoje as suas sucessoras detêm de 86,9% dos poços de petróleo. Este monopólio durou algumas décadas, até que em 1911 o tribunal supremo dos Estados Unidos decidiu pelo desmantelamento do monopólio e ordenou a criação de 34 novas empresas menores, das quais emergiram a Exxon, Chevron, Atlantic, Mobil e a Amoco.

Lafayette Escadrille

Foi uma esquadra do Serviço Aéreo Francês, o Aéronautique militaire, durante a Primeira Guerra Mundial composta basicamente de pilotos americanos voluntário.

SAS – Serviço Aéreo Especial

Principal unidade de forças especiais do Exército Britânico, que esteve na Segunda Guerra Mundial em conjunto com uma unidade britânico-francês-belga.

Scotland Yard

Também conhecido como New Scotland Yard ou Yard, é o quartel general da Metropolitan Police Service (MPS, em inglês, Serviço de Polícia Metropolitano), a força policial da capital do Reino Unido, Londres.

Interpol

A Organização Internacional de Polícia Criminal, mundialmente conhecida pela sua sigla Interpol, é uma organização internacional que ajuda na cooperação de polícias de diferentes países.

UPI – United Press International - agência de notícias internacional, fundada em 1907, e com sede nos Estados Unidos da América. Foi pioneira em muitas áreas na cobertura e distribuição de notícias em todo o mundo

A Lei Seca

Foi o período em que a fabricação, distribuição, venda, importação ou exportação de bebidas alcoólicas foi ilegal. A definição tornou-se famosa após a proibição ter sido adotada nos Estados Unidos em 1919. Estabelecida por uma emenda constitucional que entrou em vigor no dia 16 de Janeiro de 1920, o seu cumprimento foi quebrado amplamente pelo contrabando e fabrico clandestino, principalmente em Nova Iorque e Chicago, por gângsteres. Foi abolida em 5 de Dezembro de 1933, por grande insucesso e polêmica que gerou. Esta lei permitiu a ascensão dos famosos gângsteres, como Al Capone, em Chicago.

Rodolfo Valentino

Foi um ator italiano radicado nos Estados Unidos da América. Além de ser uma das estrelas mais populares dos anos 20 (e do cinema mudo consequentemente), foi o primeiro símbolo sexual do cinema e protótipo do "amante latino" fabricado por Hollywood. Em 1913 imigrou da Itália para os Estados Unidos, tendo trabalhado como jardineiro e lavador de pratos. Em 1918 fez pequenos papéis em Hollywood. Sua fotogenia e habilidade como dançarino lhe garantiram um lugar no elenco de Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, em 1921, que o transformou em astro. Morreu em conseqüência de uma úlcera, aos 31 anos de idade. Diz a lenda que várias mulheres suicidaram-se, desesperadas pela sua morte prematura.

Tudor

A Casa de Tudor foi uma dinastia de monarcas britânicos que reinou em Inglaterra entre o fim da Guerra das Rosas em 1485 e 1603. A família Tudor se origina no século XII, com Ednyfed Fychan de Tregarnedd (1179-1246), senescal do Príncipe de Gwynedd, Llewelyn ap Iorwerth. O primogênito de seus 12 filhos, Gorowny, teve um filho, Tudur Hem, conhecido posteriormente como o velho, que viveu de 1245 a 1311. Dele descendem os Tudor.

Windsor

A Casa de Windsor ou dinastia Windsor, antes chamada de Casa de Saxe-Coburgo-Gota, é a casa real atualmente no poder do Reino Unido e de alguns países da Comunidade das Nações. Seu atual soberano é a Rainha Elizabeth II (Isabel II). No ano de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, um sentimento anti-germânico no povo fez com que a Família Real Britânica trocasse todos os seus títulos e sobrenomes alemães para versões inglesas.

Henrique VIII

Foi um Tudor (28 de Junho de 1491 — 28 de Janeiro de 1547), rei da Inglaterra a partir de 21 de Abril (coroado em 24 de Junho de 1509) até sua morte. Recebeu o título de rei da Irlanda pelo Parlamento Irlandês em 1541, tendo obtido anteriormente o título de Lord da Irlanda.

Irlandeses – A grande escassez de batata

Nos séculos XVIII e XIX, a fome não era novidade para os irlandeses. O flagelo tornara-se parte integrante da paisagem social e castigou ininterruptamente o país por quatro vezes. Na época a Irlanda era o país mais povoado da Europa. A população sobrevivia à base de batatas. O fungo Phytophora destruiu as plantações enquanto as intempéries climáticas destruíram as de cereais. Desesperada, em pouco tempo a população não tinha alternativa a não ser emigrar ou morrer. Um milhão e meio de irlandeses cansados, famintos e doentes precipitaram-se rumo aos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Huguenote é a denominação dada aos protestantes franceses (quase sempre calvinistas) pelos seus inimigos nos séculos XVI e XVII. O antagonismo entre católicos e protestantes resultou nas guerras religiosas, que dilaceraram a França do século XVI.

Operação Tempestade no Deserto

A Guerra do Golfo foi um conflito militar iniciado em 2 de agosto de 1990 na região do Golfo Pérsico, com a invasão do Kuwait por tropas do Iraque. Esta guerra envolveu uma coalização de forças de países ocidentais liderados pelos Estados Unidos da América, Grã Bretanha e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita e o Egito, contra o Iraque.

Em 25 de janeiro, as forças aliadas que haviam estabelecido a supremacia aérea, bombardeando as forças iraquianas, não podiam se abrigar nos desertos do sul do Iraque. As forças da ONU, sob as ordens do general Norman Schwarzkopf, desencadearam a denominada "Operação Tempestade no Deserto" (como ficou conhecida), que durou de 25 a 28 de fevereiro, na qual as forças iraquianas sofreram estrondosa derrota. No final da operação, o Kuwait foi libertado.



Pedra de Gibraltar

A montanha, um promontório militarmente estratégico na entrada do mar Mediterrâneo, guarnece o estreito oceânico que une a África ao continente europeu.

Fugu (河豚)

Em português, baiacu. Considerado uma iguaria gourmet no Japão, só pode ser preparado por *chefs* autorizados. Extremamente venenoso, se preparado de forma incorreta, o baiacu causa paralisia, dificuldade de respiração e perda de consciência. A tetrodotoxina presente no baiacu é 100 vezes mais venenosa que cianureto de potássio (um veneno muito conhecido dos leitores de Agatha Christie).

Tofu (豆腐) – queijo de soja.

Tem uma textura firme parecida com a do queijo, sabor delicado, cor branca cremosa e se apresenta com a forma de um quadrado branco. É originário da China, mas muito comum também na alimentação japonesa e coreana.



Sashimi (刺身) é uma iguaria da culinária japonesa primariamente consistindo de peixes e frutos do mar frescos, em fatias finas e servidos com apenas molho de soja e wasabi (tipo de condimento extra-picante). Alguns ingredientes de sashimi, como o polvo, são servidos cozidos, mas a maioria dos peixes, como o atum, é servida crua.

Bife Wellington



Ingredientes
8 porções - 290 kcal / porção
800 g de filé mignon roliço
2 dentes de Alho amassados
sal e pimenta a gosto

Para Cobrir: 200 g de massa folhada

Para o Molho:
1 Cebola pequena ralada
2 colheres (chá) de azeite
1 xícara (chá) de cogumelos fatiados
1 colher (chá) de farinha de trigo
1/2 xícara de vinho madeira
Tomilho fresco
salsa picada
sal a gosto

Preparação:
Amarre a carne para ficar com formato bonito. Esfregue o alho, o sal e a pimenta na carne. Aqueça uma frigideira funda com tampa e comece a dourar a carne.

Abaixe o fogo, tampe e deixe por mais 15 minutos.
Retire a carne e espere amornar.
Para o molho: Coloque a cebola e o azeite na frigideira e deixe Refogar. Adicione o cogumelo, tomilho, salsinha, polvilhe com a farinha e acrescente o vinho e 1/2 xícara de água. Deixe engrossar e corrija o sal. Reserve.
Para cobrir: Coloque a carne em uma assadeira antiaderente e cubra com a massa folhada em forma de tiras. Decore a seu gosto. Pincele com ovo batido, e leve ao forno médio para dourar.
Sirva com o molho.